

# **DIÁLOGOS [ INCENDIARIOS ]**

**PELA PROPAGAÇÃO DA  
SEDIÇÃO ANÁRQUICA**

**TRADUÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE ENTRE  
*ALFREDO COSPITO, GUSTAVO RODRÍGUEZ,  
GABRIEL POMBO DA SILVA***

**PORTO ALEGRE, MAIO 2020**





## Recomendações para a edição em português:

*O texto introdutório assim como as notas da tradução colaboram para construir um panorama, ainda que superficial, sobre o anarquismo informal, para isso lembra dos eventos que vão dando corpo à conspiração anárquica atual e, ao mesmo tempo, tenta localizar algumas palavras, fatos, grupos de ação e companheiros, para fortalecer a bagagem informal no território em conflito com o estado brasileiro, onde a informalidade tem uma reduzida presença nos debates. Dito de outra forma, para quem se interessa sobre o debate da informalidade anárquica ou anarquismo insurrecional, as notas e o texto introdutório podem fazer o caminho menos embasado.*

# APRESENTAÇÃO



Com “*Diálogos incendiários: Pela propagação da sedição anárquica*”, retomamos a campanha editorial do projeto *Internacional Negra Edições*. Esse projeto de difusão anárquica se fundamenta na livre associação de vontades de individualidades em guerra, que assumimos a anarquia em quanto prática de confrontação cotidiana contra o poder e toda autoridade, pelo que compreendemos necessária a propagação de nossas **reflexões que surgem da experiência prática do conflito permanente, encaminhando nossos passos para o impulso de sedição da nova insurreição anárquica.**

Abordamos assim, uma tarefa ainda inconclusa: a da “elaboração dum novo paradigma sedicioso que, mantendo determinadas notas teóricas fundamentais, seja capaz de produzir as modificações críticas, metodológicas e organizativas que permitam a reaparição protagonista da Anarquia nos processos de subversão de nosso tempo”, para explicá-lo em palavras do companheiro Gustavo Rodriguez.

Nesta façanha, vale a pena apontar a presença de companheiros participantes no projeto original e de individualidades de diversas latitudes as quais, se sintonizando com a proposta fundadora, tem tomado parte da sua continuidade e atualização, implicados com a circulação de idéias e propostas que motivem e colaborem com o agir da tendência informal anárquica.

E, precisamente, um desses projetos e iniciativas foi a criação da *internacional Negra Edições*, desde os membros presos da Conspiração das Células de Fogo, e por alguns compas que dia após dia, em cada momento, encarnam na prática o valor da **SOLIDARIEDADE DIRETA.**

Desde os primeiros dias na prisão, os companheiros da Conspiração das Células de Fogo, encarcerados nas masmorras do Estado grego, cientes de “que a teoria é uma ferramenta que cobra seu autêntico

significado apenas quando se combina com a prática”, geraram reflexões e críticas através de incontáveis textos, comunicados, análises e ensaios, publicados como livretos e traduzidos para múltiplas línguas pela Internacional Negra Edições. Como bem afirmam: “Poderão encarcerar nossos corpos, mas não nossas idéias nem nossos princípios, que continuaram a fugir através dos barrotes, materializados em diferentes projetos de insurreição”.

Assim, da mão de nossos companheiros encarcerados, decidimos desenvolver um experimento editorial que não se limitou apenas à Grécia, mas que vêm se expandindo através da rede internacional da tendência informal anárquica que impulsiona, desde o ano 2012, a *Internacional Negra* como aglutinador planetário dos novos guerreiros anárquicos.

Partindo dessa perspectiva e retomando as palavras dos companheiros da Conspiração das Células de Fogo, “nos sentimos inspirados com o nome das edições, desejando que a *Internacional Negra não se limite a bibliotecas, livreiros e prateleiras, mas que encontre sua verdadeira motivação nas ruas, onde se escreve a história da insurgência anárquica e da insurreição permanente*”.

Desde então até estes dias, a *Internacional Negra Edições* tem produzido e publicado incontáveis livretos e dois livros em espanhol, concretizando, na prática, uma iniciativa que procura, a todo custo, quebrar com as barreiras geográficas, política e dos idiomas, impostos pela dominação, em prol da coordenação internacional do ataque num cenário global cada vez mais adverso, que com a aplicação da agenda adestradora de dominação capaz (como nunca antes na história) de absorver, fragmentar, integrar e neutralizar lutas e movimentos sociais mediante dispositivos de captura de toda aquela servidão voluntária que aspira mudanças parciais e cosméticas, sejam essas mudanças instituintes ou apenas culturais.

Por isso e, com o objetivo de reafirmar a opção pela libertação

total, atualizando propostas e incitando à reflexão e os debates constantes, temos selecionado esta nutrida troca de idéias entre três companheiros comprometidos com o desenvolvimento da informalidade anárquica e com a propagação da negação destruidora, os quais nem precisam de apresentação em nossos meios: Alfredo Cospito, Gustavo Rodríguez e Gabriel Pombo da Silva.

Ainda quando alguns dos textos incluídos já foram publicados com anterioridade, sua releitura e sua edição conjunta os localiza na dimensão do diálogo sempre necessário para questionar a realidade e revigorar o exercício da (auto) crítica, identificando novas brechas que nos conduzem à experimentação constante e que nos tornam a cada vez mais livres e perigosos na guerra anárquica contra toda autoridade.

Nesta ocasião, os textos estão sendo publicados simultaneamente em espanhol e português, consolidando a difusão da proposta informal anárquica em dois idiomas com ampla recepção, dada a crescente presença de afinidades ao longo do continente latino americano, em países como México, Chile, Argentina, Bolívia e Brasil, além da gradual propagação de nossa proposta em outros lugares do mundo.

Esperamos que esta publicação possa nutrir os debates e a ação da tendência informal da anarquia insurrecional.

***Pela Internacional Negra dos anarquistas de ação!***

***Internacional Negra Edições***

***Maio, 2020***

**De Gritos, Estroendos**

**e Sussurros**

*Texto Introdutório para a edição em português do Livro:*

**DIÁLOGOS INCENDIÁRIOS**  
*Pela propagação da sedição anárquica*

*Traduções e contribuições para o debate entre  
Alfredo Cospito, Gustavo Rodriguez e Gabriel Pombo da Silva*



*Se uma árvore cai na mata,  
mas ninguém está por perto para ouvi-la,  
será que ela faz barulho?*

Na virada do século XX para o século XXI o capitalismo tentou cantar vitória. Logo após a queda do muro de Berlim e do fim da U.R.S.S., segundo alguns, o fim da história tinha chegado<sup>1</sup>. A via parlamentar aparecia como a única opção política abertamente defendida tanto pela esquerda quanto pela direita, e a democracia o cume da organização e da política; além do aparente triunfo do capitalismo, também o Estado parecia ter triunfado. Mas não para nós. Uma estrondosa maré de revoltas e ataques contra a ordem estabelecida, contra a miséria imposta pela forma de entender a vida, contra vários dos nós da rede de dominação atual, que vazavam das lógicas da luta armada, da tomada do poder e das propostas de libertação nacional, criticava não apenas a recém apresentada globalização mas todos os partidos, a democracia e a sociedade que a sustenta.

Estas palavras iniciais, que servem de ingresso explicativo ao debate de três companheiro anárquicos, falam da resposta inegociável dos anárquicos às novas faces da dominação, o que alguns chamam de anarquismo insurrecional, e outros da tendência informal anárquica.

## **UM POUCO DO CAMINHO PRÉVIO**

Poderíamos dizer que começou na Itália, com as revoltas juvenis de 1977, protagonizadas tanto pelos estudantes, quanto pelos operários em greve; uma continuidade do maio de 1968 que abriu as portas para os espaços okupados, as rádios livres, e as ações

---

<sup>1</sup> Apesar de que este fim da história referencia o dualismo entre a proposta comunista e capitalista, como se fossem as únicas opções, para quem está contra toda autoridade, é inevitável quebrar também com essas formas de encapsular o mundo em dois caminhos quando sabemos e vivemos em muitas mais trilhas, e, sobretudo quando estivemos e estamos em oposição a ambas das duas "opções"

diretas, que se expandiram, na década de 80, na luta contra a base de mísseis nucleares em Comiso (uma luta que aparecia como a face mais social, mas que foi a sementeira da irreverência informal), e que teve um ponto de importante solidez no segundo Pré Encontro da *Internacional Antiautoritária Insurrecionalista*, em dezembro de 2000 em que se debateu o aqui e o agora do agir anárquico.

Mas outro foco ardia já nessa mesma década, a **Frente de Libertação Animal** que desde o Reino Unido inaugurava os ataques contra laboratórios e grupos de caçadores<sup>2</sup>. Suas raízes vão até 1971, quando jovens que já atacavam grupos e associações de caçadores, criaram a Banda da Misericórdia, com a que reivindicaram sabotagens contra carros e botes de caçadores e o incêndio do laboratório da Hoechst Pharmaceuticals em 1973. A partir desse início, A **Banda da Misericórdia** reivindicou ações contra laboratórios, granjas, matadouros e criadouros de animais, libertando também cobaias e animais. Em 1974, Ronnie Lee e Cliff Goodman foram condenados a três anos de prisão acusados de formar parte da Banda. Engaiolados, organizaram as primeiras greves de fome que demandavam alimentação vegana. Depois da sua liberação é que aparece pela primeira vez a Frente de Libertação Animal. Em Brighton, Reino Unido, em 1992, aparece outro nome que expande a luta pela liberação animal ao lugar que habitamos, a Frente de Libertação da Terra. O objetivo difundido pela FLA é provocar o maior dano econômico possível contra todo tipo de estruturas que atacam a terra, madeireiras, produção de organismos geneticamente modificados, indústrias de monocultivo e agrotóxicos, mineração, etc. Desde então ambos, FLA e FLT, são usados por vários grupos e individualidades, no mundo, para reivindicar ataques contra esses aspectos específicos da dominação.

Com esses antecedentes, quando em 1999, em Seattle, se reuniu a Organização Mundial do Comércio, os de preto, que já cobriam

---

2 Noel Molland, *A Spark That Ignited a Flame The Evolution of the Earth Liberation Front*. no Livro: Best & Nocella (editores), *Terrorists or Freedom Fighters*, Lantern Books, 2004.

seus rostos para atacar os inimigos da terra que organizavam revoltas e paralisavam mísseis, recuperaram uma antiga prática de defesa das okupas na Alemanha, e se apresentaram como a forma de antagonismo em ação contra a globalização para estragar a festa dos que tentam dominar. A cidade de Seattle foi declarada em estado de emergência pelos ataques dos Black Bloc's e choram perdas de 10 milhões de dólares. Um ano depois, em Praga, a reunião do FMI foi fechada um dia antes do previsto, protestos nas ruas com uma presença de perto de 3000 revoltosos de preto (segundo a mídia oficial) provocou severos transtornos na cidade e confrontos bastante desiguais, entre policiais e encapuzados, porém efetivos na hora de estragar a festa dos poderosos. No ano 2001 durante o Encontro do G8, em Gênova, as pessoas tomaram as ruas para protestar contra a reunião dos países autodeclarados os mais ricos recuperando de novo a formosa prática dos Blocos Negros. Nesse ano, a polícia assassinou o companheiro anarquista Carlo Giuliani atirando contra ele e logo o atropelando, o que logicamente incrementou a onda de ataques contra os que dominam e deixou em evidência que nada tinha terminado e que a guerra estava em curso.

O estrondo anárquico desses tempos gerava estrondos em vários pontos. Na Grécia, a ocupação do Politécnico em Atenas, 1995 - como resultado de uma onda de protestos que se iniciaram com a detenção de 4 anarquistas acusados da expropriação de um banco, entre os quais estavam **Kostas Kalameras** e **Spiros Dapergolas** da **Revista Antiautoritária "Alpha"**, que continuaram com a ocupação dos escritórios da Anistia Internacional e da Associação Grega de Advogados, com o protesto de 150 anarquistas, brutalmente reprimidos pela polícia, a ocupação da faculdade de teologia, a improvisação duma rádio pirata para informar sobre a repressão, e a mobilização do 17 de novembro em lembrança do assalto militar à Universidade Politécnica de Atenas - culminou na ocupação da Politécnica por 3.000 pessoas, o que resultou numa nova invasão policial e a detenção de 504 anarquistas, entre os quais estavam

## **Nikos Mazziotis e Lambros Foundas<sup>3</sup>**

Se a presença anarquista na Grécia já era abundante, a tendência Informal também ia se solidificando desde o *Primeiro Pré Encontro da Internacional Antiautoritária Insurrecionalista*, no outono de 1996, e a aparição da *Luta Revolucionária*, guerrilha urbana anarquista, em 2003.

Com esses ânimos, para o 2004, os anarquistas estavam prontos para se opor aos Jogos Olímpicos que iam intensificar o controle e repressão estatal e que eram a ante-sala da crise econômica que detonaria quatro anos mais tarde e que os anarquistas enxergaram antes do que quaisquer analista. Os protestos contra a crise econômica, em 2008, quando o companheiro anarquista **Alexandros Grigolopoulos**, de 15 anos foi assassinado pela polícia no bairro de Exarchia, marcariam o detonar de várias revoltas destrutivas da ordem que estrangulava esse território que mendigava ser parte da União Europeia. Iniciando, aliás, o chamado informal do Dezembro Negro que ecoa em diferentes territórios com o fogo do rechaço à dominação e o estrondo da resposta aos assassinatos repressivos.

Esses episódios de inconformismo coletivo foram as brasas quentes que prepararam o nascimento incendiário da nova face do anarquismo de ação. E no continente atravessado pela cordilheira dos Andes, pela Amazônia e as Araucárias, uma onda de protestos e caos nas ruas, também preparariam o terreno para mais vida e ação anárquica.

Em 1998, o assassinato de **Claudia López** por uma bala da polícia, nas costas, na noite do 11 de setembro, aniversário do golpe de estado que nunca é esquecido e ano após ano é lembrado com

---

3 Ambos parte da Guerrilha Urbana Anarquista **Luta Revolucionária**, ativa na Grécia desde 2003. Lambros foi assassinado pela polícia durante a expropriação de um carro em 2009 e Nikos Mazziotis está sequestrado pelo estado grego desde 2011. De: Montes de Oca, **Prometeos y Tántalos. Aproximaciones históricas a figuras y anécdotas del movimiento anarquista griego.** Por la libertad Ediciones, Santiago, 2013

significativos protestos, marcou também a memória dos que atacam a dominação no território em disputa com o estado chileno. O sumiço de **José Huenante**, jovem mapuche desaparecido pela polícia em 2005, em Porto Montt; o assassinato de **Matias Catrileo**, também mapuche, morto pela polícia, durante uma retomada de terras em mãos da família Luchsinger<sup>4</sup>, a “Revolução dos Pinguins”, em 2006, onde os estudantes secundaristas paralisaram e atacaram boa parte da ordem educativa imposta desde a ditadura de Pinochet nos anos 70, e as saídas dos encapuzados no cruzamento das ruas Macul com Grécia gritando forte pela liberdade dos presos, foram algumas das cenas do horizonte que iria se complicar ainda mais com os ataques explosivos nesse território. E é no 22 de maio de 2009 quando o companheiro anarquista **Punky Mauri** morre nas imediações da escola de carcereiros tentando atacá-la que se marca um ponto de quebra na guerra entre o Estado chileno e os anarquistas. A morte do **Punky Mauri** e o midiaticizado caso bombas expuseram para o mundo que a anarquia estava viva e ameaçante nesse território, que o **Punky Mauri** não tinha morrido no primeiro dos ataques anarquistas contra a dominação, mas que estes eram um problema para os poderosos havia mais de quatro anos e que não foi suficiente com prender 14 e deixar a maioria deles presos por dois anos, para que esse fogo se silenciasse. Vários gritos de guerra continuaram e continuam a se ouvir desde o outro lado da cordilheira e no mundo, inaugurando, aliás, o **Dia do Caos** que detona a cada 22 de maio em ações de memória ativa e combativa .

Na Argentina, onde esse capitalismo afogava e exprimia, fazendo cair no chão os sonhos do consumismo; as revoltas e saques de 2001 apareceram acompanhados da mão dos blocos negros de destruição. O encontro da ALCA (Acordo do Livre Comércio das Américas)

---

4 O casal Luchsinger-Mackay, morreram em 2013 devido a um incêndio na sua propriedade durante os protestos pelo quinto aniversário da morte de **Matias Catrileo**. Por conta dessa morte, o Machi Celestino Córdova foi condenado a 18 anos de cativo, acusado de ser o autor do incêndio, apesar de ter achado ele num lugar longínquo e ferido de bala. Desde dentro, o Machi levou adiante greves e protestos para seguir com sua vida Mapuche e celebrar cerimônia como o Rewe, agitações que sempre foram fortemente respaldadas desde fora pelos mapuches.

em abril de 2001, foi um desborde prévio aos acontecimentos de dezembro desse mesmo ano. Nesse último mês do ano ressaltou o grito de fora todos nas revoltas que provocaram a renúncia do presidente e vice-presidente desse país.

Na Bolívia, em 2000, na guerra da água conseguem expulsar à Bechtel (construtora norte-americana), encarregada de privatizar o abastecimento de água. Entre fevereiro e outubro de 2003 os protestos, destruições de sedes de partidos e de vários prédios governamentais, contra o incremento dos impostos e a venda do gás provocam a renúncia de dois presidentes, e dum possível sucessor, conhecida como a guerra do gás. Mas foi nos protestos pacíficos contra a IIRSA (Iniciativa para a Integração Regional Sul americana), quando se paralisou a construção de uma das suas estradas que apareceram as primeiras ações de sabotagem inicialmente contra monumentos e posteriormente com ataques contra prédios governamentais, bancos e postos policiais entre outubro de 2009 e maio de 2012.

No México, desde 1994, quando os zapatistas deram o recado no mesmo dia em que esse país ingressava no Tratado de Livre Comércio da América do Norte, segundo o presidente do México porque eles estavam a um passo do primeiro mundo, os anarquistas já estavam também confabulando, e como sempre acontece quando há uma revolta contra a ordem, os anarquistas participaram, na selva Lacandona com a *Escuela Antiautoritaria 1º de Mayo e o Campamento de Solidaridad Directa Mártires de Chicago*<sup>5</sup>. Nenhuma história tinha chegado ao seu fim.

E, no Brasil, não podia triunfar a indiferença, e o caminho também têm suas pegadas. No dia 8 de setembro de 1993. Mais de 100 anarquistas e anarcopunks (do Movimento Anarquista de São Paulo, Agência de Notícias Anarquistas, Coletivo Traça, Movimento Anarco-Punk, Coletivo Anarco-Feminista, Grupo Consciência

---

<sup>5</sup> Charla de Gustavo Rodríguez, en el Centro Social Okupado "Casa Naranja", Tlanepantla, estado de México. Domingo 3 de julio de 2011.

Anarquista e Coletivo Libertário Edgar Leuenroth), foram detidos durante a parada militar de 7 de setembro, acusados de provocar tumulto e portar armas brancas (machadinhas, facas e correntes).

Em setembro de 2000, o que seria lembrado por muitos como a primeira aparição do Black Bloc, manchou de tinta, deu algumas pedradas e vários gritos contra a OMC atacando a sede da bolsa de valores Bovespa<sup>6</sup>. No 2000, a destruição do relógio comemorativo dos 500 anos de colonização também seria uma festa destrutiva que povoa a memória dos que não se rendem. Porém o tempo da esquerda que se inicia em 2003, teoricamente inimiga do capitalismo, marcaria um período de aparente silêncio das revoltas. Seria apenas no inverno de 2013 que nestas terras o desborde tomara as ruas e de forma avassaladora contra o incremento da tarifa de ônibus, e nos quais o Bloco Negro seria o protagonista da ação direta e a cara do rechaço absoluto à ordem estabelecida.

Estes são apenas os cenários, os momentos da “história” que marcariam o posterior desborde anárquico e que possibilitaram um horizonte rebelde que aparecia. As revoltas esporádicas, das quais eclodiam em destruição da ordem imperante, pareciam não ser suficientes para levar a sério o antagonismo que não queria esperar o seguinte protesto para agir. E, uma vez que esses movimentos afunilaram no retorno ao fronte eleitoreiro, partidarista e reformista, emanaram os consequentes desencontros com as organizações formais, com os blocos (frentes, coordenadoras, etc.) de luta que pareciam servir mais como plataforma política para o próximo candidato do que para o combate à dominação. Neles não se vislumbrava uma sede de autonomia nem de radicalidade no rechaço à ordem imperante. Foi então que as ações de ofensiva se intensificaram, evidenciando uma sensibilidade intensa que percebia que a dominação avança feroz e sem pausa, e que a resposta não

---

<sup>6</sup> Com notícias da mídia corporativa, Folha de São Paulo, [www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u61370.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u61370.shtml), e da Globo: [www.acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/seattle-1999-black-blocs-promovem-destruicao-em-protestos-contr-10310652](http://www.acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/seattle-1999-black-blocs-promovem-destruicao-em-protestos-contr-10310652)

podia ser a negociação nem o pacifismo. Quando apareceram as ações vandálicas, muitas vezes sem reivindicação, é que o ataque informal anarquista começa a circular. É impreciso dizer que as ações de ataque ao poder surgem desses movimentos e protestos, mas, pode se vislumbrar que eles foram a gota que transbordou o copo e detonou a vigência do anarquismo pela anarquia, sem negociações com partidos nem organizações, e da prática antagônica contra toda autoridade que certamente tomou as ruas e espalhou o caos e a destruição anárquica

## QUANDO CAI A ÁRVORE ... OS GRITOS, UIVOSE E GARGALHADAS

A nova cara da anarquia se “oficializou” com a irônica e irreverente aparição da **Federação Anarquista Informal, FAI**, em 2003, reivindicando duas bombas (uma delas perto da morada do Presidente da União Européia e político da social democracia italiana Romano Prodi) mediante um comunicado de apresentação e de proposta anarquista intitulado: *Federação Anarquista Informal. Quem somos. Carta aberta ao movimento anarquista e anti autoritário*, no qual manifestavam que esta era uma resposta ativa diante da sensação de imobilismo que os companheiros sentiam na luta “social” e nas organizações mais “sólidas” e “formais”.

A FAI, ecoou na Grécia, contribuindo com a aparição do **Frente Internacionalista Revolucionário, FRI**, e com a **Conspiração das Células de Fogo** que, no 21 de janeiro de 2008, se apresentaram atacando com artefatos explosivos, 11 prédios estatais e policiais. Vale a pena lembrar que antes deles, **Luta Revolucionária** já havia marcado, desde o 2003, o retorno da ação violenta anarquista nesse território, ainda que desde o caminho da guerrilha urbana.

A combinação foi detonante. Se já aconteciam ações de confrontação permanente em algumas regiões e desde alguns pontos

específicos do globo, a FAI-FRI jogou um chamado à ação individual e em grupos de afinidade que marcou uma festa anárquica de ações de ofensa ao poder, uma subversão renovada e efervescente que tomou todo mundo por surpresa. Mas não era nenhuma invenção, o que os anárquicos dos anos 2000 fizeram foi renovar a velha tática da propaganda pelo fato, hostilizando a dominação das formas mais criativas e chamando à anarquia desde a “recuperação” do ilegalismo (uma obviedade para qualquer que está pela Anarquia, mas quase esquecida devido às proximidades e negociações “sociais” que deram um banho de alvejante no anarquismo tentando fazer dele algo mais ameno à população) sob a incitação a se comunicar desde a ação sem importar idiomas nem fronteiras. O mesmo aconteceu com a **Conspiração das Células de Fogo**, que assumindo para elas também a **FAI FRI** fomentaram ataques coordenados informais contra alvos específicos, por solidariedade com algum preso ou região, ou simplesmente o melhor chamado dos anarquistas informais: a **confrontação permanente** contra a dominação.

Só para falar deste lado do oceano, e com uma lucidez impressionante sobre as peças chave da devastação, dominação e autoritarismo atuais, foram atacadas muitas, várias, mas nunca demasiadas, delegacias da policia (Argentina, Chile, México, Brasil, Bolívia, Uruguai); postos militares (Brasil), Bancos, que antes eram expropriados, e nestes tempos, queimados; Ministérios (Bolívia), Tribunais (Brasil, Argentina, Chile); Aeroportos, estações de metrô e ônibus (sobretudo na Argentina e no Chile); Casas de Juízes e carros muitos carros (Argentina, Brasil, Uruguai); consulados e embaixadas em todos os países a cada vez que algum compa era detido, concessionárias de carros (no Uruguai, Bolívia, Brasil, Argentina); Institutos de Investigações Químicas, Institutos de Pesquisa e Experimentação em Biotecnologia e Nanotecnologia (México, Argentina); Redes e antenas de telecomunicação (Argentina, Chile, Brasil, Uruguai); Supermercados (Chile, Bolívia); Empresas (Equador, Bolívia, Chile) Sedes de partidos, universidades, açougues, matadouros ... Nada era intocável. Até as

câmeras de vigilância foram alvo de um chamado anárquico contra elas.

A ofensiva estava jogada e os convites para agir em conjunto, mas desde essa nova informalidade começaram a inundar as páginas da contra-informação, elas foram as grandes mensageiras e o campo de diálogo entre companheiros anárquicos que priorizavam a ação. Apareceram comunicados e reivindicações das mais diversas ações assinados por incontáveis grupos: *Núcleo de Individualidades Iconoclastas Bruno Filippi, Conspiração das Células Negras, Comando Mateo Morral, Célula Anárquica Mauricio Morales, Manada de Choque Anárquica Heriberto Salazar, Alguns Anarquistas pela Solidariedade Revolucionária, Manada Selvagem de Animais Incivilizadxs Contra o Concreto, Célula Insurrecta do Caos, Conspiração Internacional pela Vingança , Célula Nihilista Severino di Giovanni, Fração Autônoma de Selvagens Contra a Intervenção Capitalista no Tipnis, Forças Incontroladas y Solidárias com xs Rebeldes de Negro, Grupo Anarquista de Iniciativa Solidária - Nisán Fárber, Grupo Revolucionário Insurrecionalista Tendendo à Anarquia Emile Henry, Células Magonistas pela Acracia Colectiva, Célula de Artificierxs, Célula Nômade Incendiaria, Bandita Antilaboral A Vingança por Juan Pablo Jiménez, Milícia Antiespecista Selvagens da Terra, Fração Heterogênea de Weichafes Libertários, Núcleo de Artesões do Fogo e Afins..*

E, como nos tempos de Sacco e Vanzetti, os anarquistas não apenas gritaram solidariedade nas publicações e cartazes, mas no fogo e na pólvora da velha e sempre presente solidariedade combativa, promotores amedrontados, atacados, tribunais sujos com tinta, incendiados, barricadas ardendo nas ruas, carros de alguma parte do sistema judiciário queimados, chegaram a dar alertas internacionais a cada vez que um anarquista era detido ou aparecia algum chamado anárquico<sup>7</sup>.

---

7 Vale a pena lembrar de que a operação repressiva contra anarquistas na Bolívia se orquestrou prévio à celebração da Conferência Climática e pouco tempo depois do 22 de maio; que a morte de

Reapareceram muitas das CNAs<sup>8</sup>, se abriram bibliotecas e novos espaços okupados, e uma intensa atividade de tradução possibilitou que se quebrassem as fronteiras para celebrar a ação que era difundida desde lugares remotos, como bem falava um chamado Desde a **Indonésia até o Chile**.

Isso permitiu que uma quantidade imponderável de escritos, que em sua maior parte expressavam uma sensibilidade a respeito da dominação, expressando o que para eles era o poder e a cara dele que queriam atacar, nutriram publicações, reflexões e debates. Cada pessoa ou grupo fazia sua própria leitura da dominação e a expressava num comunicado desde a ação, e isso foi refrescando as palavras da mochila anárquica: confrontação permanente, informalidade, anarquistas de práxis, conflitividade, anarquistas de ação, comunicado, reivindicação, ataque informal, ofensiva anarquista, anarquistas pela anarquia, projetualidade, e um longo etc. Com certeza esse agir não correspondia à militância, nem esses comunicados eram teoria anarquista, elas eram a fome e a sede de atacar essa existência submissa e derrotada, incontrollável e indomável, chamada de sociedade democrática. Porém, em cada uma dessas palavras existia uma profunda reflexão que continha sim, um horizonte fora da dominação.

Essa efervescência de ações tentariam um encontro, neste continente, com as **Jornadas Insurreccionais**, programadas para 2014 no México, que iam contar com a presença de **Alfredo Maria Bonanno, Constantino Cavallieri, Gustavo Rodriguez e Jean Weir**, e que se expandiram para o Uruguai, Argentina e Chile (na programação) porém, Bonanno conseguiu se encontrar com

---

*Santiago Maldonado alertou os consulados e embaixadas argentinos em vários países; e que, ainda sem reivindicação, ações contra interesses alemães no inverno de 2017 eram associados ao chamado **Wellcome to Hell**.*

8 No Bra\$il existiu uma nos anos 90 em São Paulo, e no fim do ano 2013 surgiram duas iniciativas de CNA, uma no Rio de Janeiro e outra em Porto Alegre, ambas quase inativas neste momento.

compas apenas no Uruguai e na Argentina. Já no Chile, ele foi impedido de sair do aeroporto sendo declarado *pessoa non grata*, e o mesmo aconteceu no México, onde para além disso, expulsaram e extraditaram Gustavo Rodriguez até os Estados Unidos. A guerra estava cada vez mais clara e um encontro de subversivos é sempre uma ameaça.

Já no *território controlado pelo estado brasileiro*, parecia haver um estranho silêncio. Mas isso não queria dizer que nada acontecia. Tanto é assim, que não apenas aconteciam ações de sabotagem, mas que algumas delas eram reivindicadas pelo *FLT* e a *FLA* desde o 2001<sup>9</sup> com importantes ataques como o incêndio contra uma concessionária de carros da Land Rover ou a liberação de animais de experimentação que conseguiu fechar o Instituto de Pesquisa Royal. Mas estas ações circulavam escassamente pelas redes especializadas como *Bite Back* ou *CMI*. Serão as ações em solidariedade as que deram o pulo do local ao contato com os demais compas no mundo e, justamente em Porto Alegre, aparecem os primeiros comunicados que circulam em várias das páginas visitadas pelas individualidades e grupos afins á *FAI-FRI*: O primeiro, um ataque com tinta ao consulado da Argentina em 2009, gritando pela liberdade dos compas do *Caso Security*<sup>10</sup>, levado a cabo pela *Célula Revolucionária Tinta Azul*, e o segundo, em 2011, quando o companheiro *Luciano Pitronello*, no Chile, ia a ser julgado logo após de ter ficado seriamente ferido ao tentar atacar um banco com um artefato explosivo comunicado que apareceu sem “assinatura” mas com a vontade de dialogo evidente: “*Olá queridos compas de todas as partes do globo, Desde Porto Alegre (RS), sul do Brasil, soubemos do chamado internacional por nosso querido compa Tortuga e saímos ontem, às 8h40, por ti querido... Botamos fogo na entrada do Consulado do Chile em Porto Alegre com farta gasolina em dois pneus justo na*

---

9 Muitas dessas ações estão comentadas na segunda edição do livro: *Cronologia Maldita, Cronologia da Confrontação Anárquica no Território controlado pelo Estado Brasileiro, 2000-2015*, editado pela Biblioteca Anárquica Kaos, em setembro de 2017.

10 <https://liberaciontotal.lahaine.org/?p=2551>

*chegada do cônsul (...)Que viva a Anarkia!!!*"<sup>11</sup>. A Partir de então e com irregularidade apareceram alguns comunicados, de ações de confrontação contra a dominação, alguns gritando viva a anarquia e outros apenas se reivindicando a partir da **Hostilidade contra a Dominação**, e a maior parte deles desde Porto Alegre. Em São Paulo, nessa mesma tentativa de interação mediante a contra-informação e a partir da ação, apareceu o **Movimento Insurgente Anarquista (MIA)** em 2015, chamando à ação coordenada, com uma decolagem fugaz que os levou até dar entrevistas com mídia corporativa, mas que não segurou o vôo, desaparecendo tão logo como apareceram; nesse território apareceram também grupos surreais como o NOS (Núcleo de Oposição ao Sistema) em 2016 que não tiveram nenhum reparo em juntar suas ações com o chamado de Lula Livre (claramente havia algo que não entenderam sobre a anarquia) e que com essas confusões prejudicaram as possibilidades de interação e ação. Já a **FAI-FRI** e a **Conspiração das Células de Fogo**, não ecoaram nesta parte da terra, a única resposta ao chamado da FAI, foi o ataque contra a subestação de energia da CELESC com artefatos explosivos com estilhaços, em Santa Catarina no 2014, assinado pelo **Movimento de Desobediência Civil, Célula da FAI**.

A resposta informal contra a dominação nesta região preferia os sussurros e se manteve fora da agitação que fervia nas redes de contra-informação. Porém, esse panorama de ações comunicadas apenas no nível local, mudou entre 2013 e 2017, quando é perceptível a interação baseada na ação através de comunicados, respostas a chamados, ações de solidariedade. Aparece também um blog de contrainformação que, também fugaz, colabora com a expansão da ideia e ação: **Cumplicidade**. Um espaço okupado, a **Biblioteca Anárquica Kaos**, e várias publicações e traduções: entre as quais destacam as primeiras cronologias sobre o agir confrontacional na região, A **Cronologia Maldita, Golpeando o Inimigo, Cronologia da confrontação anárquica (2000-2015)** e **Cronologia da**

---

11 <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2011/09/28/acbao-em-frente-ao-consulado-do-chile-em-porto-alegre-rs-em-solidariedade-com-luciano-pitronello/>

**Confrontação Anárquica (2016)**, a tradução de: **Mauri: A Ofensiva Não te Esquece, Nosso Dia Chegará e A Nova Guerrilha Urbana da Conspiração das Células de Fogo, Odeio as Manhãs de Jean Marc Rouillan**, e vários fanzines informativos, assim como intercâmbios de cartas com companheiros presos.

A pesar de que, na região, o ataque contra a dominação tem antecedentes históricos como os atentados dinamiteiros contra grandes cafeeiros em 1904 em São Paulo<sup>12</sup>, os atentados dinamiteiros dos padeiros (considerados um dos ramos mais radicais por responder à violência com a violência e ser adeptos à dinamite) no Rio de Janeiro, entre 1915 e 1920<sup>13</sup>; ou o buquê de flores com explosivos da Espertirina Martins e Djalma Fettermann em Porto Alegre<sup>14</sup>, na batalha da Várzea em 1917; o incêndio na Escola Americana em 1923 quando do assassinato de Sacco e Vanzetti<sup>15</sup> pelas mãos do estado norte americano, a expropriação anarquista da Rua da Praia em Porto Alegre em 1911<sup>16</sup>; entre muitos e muitos outros; e a pesar do esforço de alguns companheiros por recuperar essa memória e também por difundir a confrontação atual, a importância da confrontação e do ataque ainda é incipiente para um debate como o que traduzimos neste livreto. Porém, e apegados à ação como norte, é melhor espalhar as negras ideias dos companheiros que escrevem com esta “breve” introdução” do que considerar que não é o momento. E cabe ponderar que apesar da carência de impulsos locais, a presença de ações que ofenderam a dominação, como o **incêndio de 14 viaturas na Secretaria de Segurança**, a queima de maquinárias que destroem a terra, de muitos caixas eletrônicos, assim como os ataques contra

---

12 *Crônica Subversiva, 1º de Maio. Entre a violenta luta pela liberdade e a festa do trabalho. Crônica Subversiva n 4*

13 *Greves, dinamites e boicotes: galegos anarquistas no Rio de Janeiro*  
Érica Sarmiento da Silva 2010

14 *Nas memórias de Marat Budaszewski sobrinho de Espertirina e filho de anarquistas.*

15 *Sacco e Vanzetti, a vigência da solidariedade anarquista: das jornadas dos anos 20 à agitação permanente pelos/as anarquistas sequestrados/as hoje, Porto Alegre, 2016*

16 *Armando Guerra, Memória Combativa. Uma Expropriação Anarquista na Rua da Praia Porto Alegre 1911, Crônica Subversiva, 5, Primavera verão, 2019 Porto Alegre.*

consulados e prédios das forças da ordem, da igreja, e de partidos políticos, marcaram a hostilidade anárquica que não ficou indiferente às novas caras da dominação.

A barulhenta e explosiva aparição dos ataques informais, como era de se prever, não passou inadvertida pelo poder. O Caso Bombas 1 no Chile em 2010 e 2 em 2014; a repressão contra anarquistas na Bolívia em 2012; as Operações Columna em 2013, Pandora em 2014, Piñata em 2015; e Ice 2016, na Espanha; a Operação Ardire em 2012, Scripta Manent em 2016, Scintilla e Renata em 2018 na Itália, a Operação Érebo em Porto Alegre, em 2017, que utilizou precisamente os livros que reuniam as ações como prova contra os editores dos livros e tudo quanto para eles cheirava a anarquista<sup>17</sup>; as repressões sucessivas na Rússia, que teve uma vingança feroz, na que *Misha* se despediu da vida ferindo três agentes do serviço de inteligência em 2019; e as perseguições desde 2017 até hoje aos envolvidos de alguma forma no *Wellcome to Hell* em Hamburgo Alemanha, nos falam de uma anarquia que leva tatuado em sua pele a posição de inimiga da ordem imperante, e tratada como tal. As repressões não nos dão um panorama da força do ataque anárquico, como tem proposto alguns textos afins, o que as repressões nos falam é de uma anarquia que não procura nem ser reconhecida nem aplaudida pela legalidade dos Estados, legalidade que também é defendida pelos partidos e pela maioria dos chamados movimentos sociais, e até por aqueles anarquistas que insistem em que anarquia é luta pelos direitos e a democracia. O que as repressões também nos falam é que os poderosos ficam amedrontados com os ataques informais a tal ponto que precisam dar uma resposta pelo geral desproporcionada, que os deixa em ridículo, mas que delimita que existem anarquistas com os quais não se negocia.

Fora destas terras, muitos companheiros foram sequestrados

---

17 Para informações sobre a Operação Érebo e as respostas dos companheiros anárquicos pode se consultar: *Publicação informativa sobre a Operação Antianárquica Érebo em Porto Alegre. - Um convite para o debate*, 2018, e *Quando a Anarquia Incomoda*, Comunicado da Biblioteca Kaos, Porto Alegre, 2017)

nessas repressões e também em ações individuais e, desde as prisões, mantiveram aquela mesma coragem necessária para agir nas ruas, e contribuíram com o que também é urgente: a reflexão e o debate sobre este novo agir anárquico.

**Alfredo Cospito, Gustavo Rodriguez e Gabriel Pombo da Silva**, dialogam justamente sobre esse agir anárquico informal, mas a partir de uma pergunta que cutuca, segundo Alfredo, desde o **insurrecionalismo clássico**<sup>18</sup>: reivindicar ou não uma ação direta de ofensiva contra a dominação? Uma ação fala por si só, ou precisamos reivindicá-la com um comunicado? O que para o contexto destas terras poderia nos levar a nos perguntar quais são as possibilidades que se abrem nas ações que calam (que como vimos existem e há bastante) e naquelas que gritam viva a anarquia?

A partir dessas perguntas, encontramos um debate constante entre os anarquistas, desde suas origens, e que precisa se manter como uma série de perguntas e não de respostas fixas, sobre o como

---

18 O insurrecionalismo clássico que menciona Alfredo Cospito, e que continuaram Gustavo Rodriguez e Gabriel Pombo da Silva, pode referir tanto aos grupos de ação que chamavam à ação insurrecional, sobretudo na Itália, ativos na década de 1970; quanto as propostas sempre presentes no anarquismo, que chamam à insurreição como método desde Bakunin (com a insurreição de Lyon em 1870), passando por Malatesta e o grupo de Matesa com várias agitações insurrecionais entre 1874 e 1877, que insistem na importância do evento insurrecional como propaganda política, como resposta diante das opressões e como caminho para a revolução.

O debate traduzido, ainda que se foca nas reivindicações das ações, tem um fundo maior. Se origina nas críticas que, desde o uso dessas reflexões sobre o “insurrecionalismo clássico”, são usadas contra o “novo insurrecionalismo”, sendo a transversal destas a acusação de realizar ações diretas completamente distanciadas do contexto social e das lutas das organizações de massas, de acordo com esas críticas os insurrecionalistas endossariam métodos de luta completamente inúteis ou até prejudiciais para a emancipação dos explorados.

O debate tem já longa caminhada, que este breve resumo não retrata, mas nas respostas dos informais, chamados de “novo insurrecionalismo”, podemos sentir o cheiro da tensão. Para o “novo insurrecionalismo”, a revolução é um horizonte, mas não um futuro “ideal” e ela pode ser construída no fazer cotidiano coletivo e individual. O estado não irá desaparecer e ainda menos pela via democrática, é preciso atacá-lo numa conflitividade permanentemente. As organizações formais assim como os argumentos de outras temporalidades levaram o agir anárquico para um imobilismo perigoso, quase mortal, daí que insistem na organização informal e nos grupos de afinidade que permitem e chamam ao agir imediato e constante. E, ainda mais, reivindica o ilegalismo (e não exclusivamente falando de expropriações) com o que se distancia radicalmente das possíveis alianças estratégicas com outras tendências que defendam o Estado ou a democracia.

fazemos viver a anarquia, ou seja, uma conversação permanente sobre as formas de ação daquelas características básicas do Anarquismo, a autonomia e o rechaço à toda autoridade e poder.

As cartas de apresentação do agir dos chamados “informais”, que foram o marcado antagonismo de ação contra a dominação, realizado por grupos de ação ou por individualidades (distantes das supra organizações como existências fixas) e a conflitividade permanente (distante da preparação das condições), que em resumo são o caos e a Anarquia, jogam a pergunta que percorre no fundo da questão dos debates entre anarquistas, nestes tempos: se enquanto anarquistas estamos pela anarquia ou apenas por sentirmos anarquistas, se reduzimos a anarquia em um ismo ideológico, ou se fazemos anarquia, por todos os meios possíveis. A Conspiração Informal abriu este saudável debate felizmente respondendo na palavra e na ação, nossa natural tendência ao caos, nosso inegociável amor pela anarquia e ódio contra a dominação.

E nestas terras, a ação confrontacional talvez econômica em gritos, mas certamente com alguns barulhos na mata, consegue nos aquecer um pouco: A anarquia não está aposentada e se apresenta, ainda que como estrela cadente. Porém, nos inquietamos na necessidade de provocar (não uma idéia) mas a vontade instintiva de atacar o que nos ataca, de saber que não existe negociação nem ação pacífica que nos localize em liberdade, e que a única resposta (ao envenenamento do ar, da água, da terra, à lavagem cerebral que nos obriga a viver rodeados de seres que não respondem as agressões) é a conflitividade permanente, que ecoa mais forte e mais bela quando na floresta nos escutam gritar Que viva a Anarquia!

**Porto Alegre,  
Outono de 2020.**



## SOBRE OS COMPANHEIROS

**Alfredo Cospito**, Infatigável companheiro anarquista, preso desde o ano 2012 nas masmorras italianas por sua participação na cruzada de ações do “Núcleo Olga” da Federação Anarquista Informal/Frente Revolucionário Internacional (FAI/FRI) na cidade de Genova. Atirou contra Roberto Adinolfi, diretor executivo da *Ansaldo Nucleare* (mega complexo nuclear também dedicado à fabricação de armas), ferindo ele na perna, motivo pelo qual foi encarcerado junto com o companheiro Nicola Gai. Ambos dois assumiram a responsabilidade do ataque durante o julgamento. Desde os primeiros dias na prisão, ele tem colaborado de forma tenaz com o desenvolvimento da tendência insurrecional e informal, apresentando incontáveis contribuições teóricas para a guerra anárquica e fomentando o debate entre diferentes tensões que animam a Acracia em nosso dias. Apesar dos barrotes, no puderam submeter ele, e impulsionou greves de fome e ataques diretos contra a infra estrutura carcerária, como quando destroçou as vidraças da área de visitas no ano 2016, explicando: *“Hoje 30 de agosto, quatro anos depois da minha detenção, quis celebrar o aniversário me presenteando com a destruição dos painéis da sala de visitas. Esta ação é minha contribuição à solidariedade revolucionária com meus irmãos e irmã da CCF-FAI/FRI, condenados no seu enésimo julgamento a 110 anos de prisão por uma tentativa de fuga falida”*. Cospito nasceu no dia 14 de julho de 1967, na cidade de Pescara, Itália, e tem publicado vários de seus textos em diferentes idiomas (italiano, grego, espanhol e inglês) nas páginas da **Internacional Negra Edições**, assim como em muitas outras publicações anarquistas impressas e digitais.

**Gustavo Rodríguez**, veterano companheiro anarquista de origem cubana, radicado nos Estados Unidos, particularmente conhecido pelas colaborações teóricas à Tendência Informal Anárquica e ao denominado “ilegalismo contemporâneo”, temas aos quais dedicou livros e incontáveis ensaios. Nasceu no ano de 1955, na cidade de

Santiago de Cuba, é filho de pais e avôs anarquistas exilados espanhóis, pelo que desde muito cedo sentiu grande atração pelas idéias ácratas motivo pelo que seria expulso da Cuba. Em dezembro de 2013 viajou para a cidade do México convidado pelos organizadores das Jornadas Informais Anárquicas (Primeiro Simpósio Internacional) quando foi deportado pelas autoridades mexicanas, no mesmo evento em que o companheiro Alfredo Bonanno, teve o ingresso negado no México, ações com as quais impediram que ambos participasse do Evento. Dois dos textos mais conhecidos de Gustavo Rodriguez foram publicados em várias edições em espanhol pela **Internacional Negra Edições** e alguns deles foram impresso em grego, inglês e italiano

**Gabriel Pombo Da Silva**, conhecido expropriador anarquista de origem galega, neto de camponeses revolucionários, nasceu na cidade de Vigo, no dia 19 de novembro de 1967. tem passado mais de trinta anos da sua vida em prisão, sendo encarcerado no estado espanhol e também na Alemanha, por expropriação e fuga, entre outras ações. Após conseguir sua libertação em 2016, viu-se na necessidade de passar para a clandestinidade no ano 2018 junto a sua entranhável companheira Elisa DI Bernardo, diante das patranhas jurídicas de diferentes estados europeus que tentavam envolver eles em novas operações repressivas anti anarquistas. Foi, lamentavelmente, capturado em Portugal, o dia 25 de janeiro de 2020, em cumprimento de uma ordem de captura internacional por uma suposta condena pendente de mais dez anos de prisão; desde então, está na espera de sua deportação para Espanha. Impulsionador, junto com Rodriguez do “ilegalismo contemporâneo” e da Tendência Informal Anarquista (TIA), tem na sua conta incontáveis colaborações e entrevistas, publicadas em diversas mídias afins e traduzidas para diversos idiomas. Em Junho de 2016, a Editorial Klinamen publicou seu livro *“Diario e ideario de un Delincuente: cartas, comunicados y otros escritos”*. Em uma entrevista realizada em 2018, Gabriel *“em quanto anárquico, VIVO e pratico a Anarquia (...) não por acaso, e apesar dos 32 anos de cárcere (23 em isolamento), que continuo sendo objeto de perseguição “política” por minhas ideias sediciosas”*.



A person wearing a dark hoodie is silhouetted against a background of warm, blurred lights. They are pointing their right hand towards a wall covered in graffiti. The graffiti includes the letters 'ES' in a large, purple, stylized font. The overall atmosphere is dramatic and urban.

# O AUTISMO DOS INSURRETOS

**ALFREDO COSPITO**

Nos últimos tempos, os anarquistas de ação tem focado suas ações partindo do individuo e do seu grupo, abandonando as assembleias e se falando diretamente através das reivindicações, comunicados. O próprio conceito de “reivindicação” tem sofrido uma transformação radical, passou de ser um instrumento “aberto ao exterior” a ser um instrumento “fechado em si mesmo”, dirigido, principalmente, aos próprios afins, à própria comunidade em guerra. Ainda que possa parecer um paradoxo, nessa “introspecção” está a morte da política, o cese da procura do poder e do consenso. Não se procuram continuadores, não se quer responder ao Estado com um “contra poder”. Nessa ótica, a contraposição que alguns companheiros fazem entre “ação anônima” e “reivindicação” se torna instrumental e um falso problema. A ação anônima e a reivindicação, com ou sem acrônimos, se estas se entendem como práticas contrapostas, por mais que pareçam distantes, viram sintomas de uma espécie de “autismo” anárquico. Ainda que sejam vividas de forma exclusiva e dogmática, não são outra coisa que duas caras da mesma moeda, a da política e a da ideologia, nas quais não se encontram comunidades em guerra, mas doutrinação e proselitismo. Não teríamos que ter nenhuma ideia preconcebida a respeito das diferentes práticas da anarquia (sobretudo quando se fala de ações armadas), quem reivindica com um acrônimo num contexto pode evitar fazê-lo em outro, as vezes as ações falam por si sós, não enxergo contradição nenhuma nisto.

Alguma coisa tem mudado, são muitos os exemplos concretos de uma visão menos dogmática, mais dinâmica, com qualidades mais evidentes do que o insurrecionalismo. Não um “subproduto” dele, mas uma espécie de “evolução” que parece não se deter diante condenações, isolamentos, falta de comunicações. Um insurrecionalismo seguramente mais desordeiro, porém com a grande virtude de não ter fórmulas preconcebidas, porque é absolutamente caótico. Produz poucas publicações, pouca academicismo, quem fala o faz em absoluto anonimato através das reivindicações, desde fora do anonimato apenas falam os presos que, com orgulho, reivindicam

seu próprio recorrido. Estamos falando de uma visão da prática anárquica mais perigosa porque está em contínua experimentação, o poder intui isso e bate onde mais dói. E assim é como se explicam tantas represálias que estão um pouco em todas partes do mundo, Itália, Grécia, Argentina, Brasil, Espanha... É inegável que nos últimos anos a repressão contra o movimento anarquista se intensificou. Os Estados falam de conspirações anarquistas internacionais, na Itália os anarquistas da FAI-FRI<sup>1</sup> continuam sendo apontados pelos próprios serviços secretos como o perigo subversivo de tipo interno número 1 no país. Chegando até esse ponto, acredito que tem chegado o momento de se fazer alguma pergunta: Essa “nova” anarquia incomoda realmente ao poder? E se é assim, qual é o aspecto que incomoda até o ponto de que existam tantas represálias que, na minha opinião, ultrapassam a habitual gestão repressiva destes países? Em resumo: A que se deve toda essa atenção? Entre todas as práticas anárquicas, a da ação destrutiva é a que, no imediato, preocupa mais aos governos. Se logo essa prática se difunde através de uma “linguagem comum” (a comunicação a través de reivindicações), e tende a concentrar suas forças em objetivos comuns, concretos, imediatos, a atenção do poder se incrementa claramente. Se ainda mais, esse se falar mediante as reivindicações se difunde para fora dos confins nacionais, em conseqüência, o alarme cresce e o poder se desencadeia através de represálias sucessivas. Essa “linguagem comum” foi utilizada pela FAI informal na Itália e pelas CCF<sup>2</sup> na

---

1 **Nota da Tradução:** FAI-FRI. Federação Anarquista Informal e Frente Revolucionário Internacionalista. Apareceram pela primeira vez (a FAI) em 2003, reivindicando ter ativado duas bombas perto da morada do Presidente da União Européia e político da social democracia italiana Romano Prodi. Momento em que difundem um comunicado de apresentação e proposta anarquista intitulado: Federação Anarquista Informal. Quem somos. Carta aberta ao movimento anarquista e antiautoritário (Retirado de: [www.abordaxerevista.blogspot.com](http://www.abordaxerevista.blogspot.com), 26 de dezembro de 2010). E a FRI como uma colaboração desde Grécia se somando à conspiração insurrecionalista. A partir de então, vários atentados foram reivindicados pela FAI-FRI, e mediante chamados internacionais e respostas sempre desde ação, a iniciativa da FAI-FRI se expande por países como Grécia, França, Alemanha, Inglaterra, Chile, Argentina, México, Bolívia, Peru, Equador, Indonésia, Rússia, e mais, perdendo um epicentro e se fortalecendo no anonimato, nos comunicados e nas ações de ofensiva anarquista contra a dominação! No Brasil, provavelmente a única resposta anárquica que reivindicou uma ação se sintonizando com a FAI foi o ataque com dois artefatos explosivos contra a subestação de energia da CELESC, em janeiro de 2014, reivindicado por: Movimento de desobediência civil (MDC) - célula da Federação Anarquista Informal (FAI) (Cronologia Maldita, Biblioteca Kaos, 2015: 32-33)

2 **N.d.T.:** A Conspiração das Células de Fogo (CCF) surgiu no dia 21 Janeiro de 2008, com

Grécia, e logo com a FAI-FRI alçou definitivamente o vôo pelo mundo, evolucionando em algo mais “essencial”, mais dinâmico, que não gira mais exclusivamente entorno do acrônimo. Nunca foi um acrônimo (seja qual for) o que construiu essa “linguagem comum”, mas a eficaz arma das “campanhas internacionais”<sup>3</sup> convocadas não por comitês, organizações, assembleias, mas por ações, pelos anarquistas de praxis<sup>4</sup> sem intermediário nenhum. Temos visto isso, também nos últimos tempos, com os milhares de ações que houveram depois do G20 na Alemanha, França, Grécia... nas ações de vingança pelo homicídio de Santiago Maldonado no Chile, Argentina, Brasil, Itália, Grécia, França, Alemanha... na solidariedade com o preso anarquista Konstantinos Giagstoglou na Grécia... na solidariedade com a companheira anarquista Lisa acusada de uma expropriação na França, Alemanha... Nos ataques contra a Turquia

---

*uma onda de 11 ataques incendiários a base de gas butano, contra bancos, juízes e concessionárias de carros de luxo em Atenas e Salônica. Em novembro de 2010, Panagiotis Argyrou e Gerasimos Tsakalos foram presos enquanto mandavam pacotes incendiários, dentro do chamado caso Halandri, o primeiro julgamento contra membros da CCF, e no qual assumiram ser parte da Conspiração. Desde então, junto aos comunicados que reivindicam ações, a CCF também difunde textos, livros e análises sobre ação anarquista, colaborando determinadamente com a criação de novos horizontes do anarquismo em palavra e ação. Devido a outras ondas repressivas, vários membros da CCF estão presos, e desde as prisões, mantém agitações e campanhas de solidariedade com os outros presxs anarquistas e também não anarquistas. A posição inegociável das pessoas que participam da Conspiração das Células de Fogo, que tiveram que se confrontar com os juizes e falar publicamente gerou, como sucede entre os anárquicos, fortes vinculações, agitações, solidareidades, tentativas de fuga, e coordenações, com traduções para e desde o grego desde vários pontos do mundo, e ainda gerando que grupos de ação no Chile e no Mexico reivindicassem serem parte das Celulas de Fogo, fazendo da Conspiração das Células de Fogo uma imprescindível referência para o anarquismo atual.*

3 **N.d.T.:** As campanhas internacionais são chamados para a ação individual ou coletiva, multiforme, contra algum alvo específico (por exemplo os chamados contra a copa do mundo, contra o que agride a terra, contra as câmeras...), ou durante um determinado tempo (por exemplo o chamado pelo dezembro negro), Também são significativas as chamadas para mostrar solidariedade com algum compa preso, quando os sequestrados estão em greve de fome, pela memória combativa de algum compa morto em ação, pela luta por algum território livre ou contra a construção de aeroportos, trilhos do ter, estradas, shopping, o contra o despejo de algum espaço okupado

4 **N.d.T.:** Muitos anarquistas insurreccionalistas recuperam o conceito de práxis, desde as propostas da nova guerrilha urbana e da nova guerrilha anarquista, para se referir aos companheiros que realizam ações de confrontação anárquica, compartilhadas e debatidas mediante comunicados, traduções, textos e sensibilidades sobre a conspiração prática e permanente contra a dominação. Na tradução ao português, usaremos como sinônimos do termo: anarquistas de ação ou anarquistas de prática, porque existe um incipiente debate sobre a tendência informal anárquica, nestas terras que pode ir se nutrindo com este tipo de atalhos. Contudo, a riqueza do termo praxis radica na proposta da teoria prática, na qual a prática e a “teoria” são inseparáveis uma da outra (pode se consultar: *Conspiração das Células de Fogo, A nova Guerrilha Urbana Anarquista*, 2015, Porto Alegre).

em solidariedade com o povo kurdo que luta pela sua sobrevivência... e na persistência das ações da FAI-FRI na Itália, Grécia, Espanha, Chile, Alemanha...

Essa é, na minha opinião, a prática dos anarquistas que hoje mais incomoda o poder. Quanto o incomoda? Não podemos dizê-lo, mas seguramente algum problema provocam essas campanhas internacionais, ainda que seja só na perspectiva. A beleza de uma ação que funciona é que ela é contagiosa, pouco ou nada pode nos fazer a repressão quando o anonimato empapa esse pano impalpável de ações tecidas por mãos anônimas. Como sempre acontece quando se divisa algo novo, quem se incomoda não é apenas o inimigo, mas também aqueles que se remetem à “tradição”, à “pureza” ideológica dos textos “sagrados”. Pode se dar o caso de que também nós, anarquistas, gritemos à heresia. Companheiras e companheiros que no passado tem agido ombro a ombro, tratam os “heréticos” de estúpidos e tontos que não tem entendido nada do “projeto inicial”, do “autêntico” projeto insurrecional. Mas, tem sentido essa contraposição? Se reconhecemos em ambas “tendências” informais uma unidade estratégica e metodológica. Quais são as diferenças entre o “velho” e o “novo”? Aparentemente essas diferenças pareceriam existir, ao menos desde o ponto de vista do poder. Para por um exemplo, no processo “Scripta Manent”, os escritos dos insurrecionais “históricos” são tomados como exemplo do “anarquismo bom” que se contrapõe a aquele dos imputados definido como “mau”. O jogo habitual dos bons e dos maus. Tem chovido bastante desde o processo “Marini”<sup>5</sup>, quando a parte dos

---

5 **N.d.T.:** O processo Marini, é como se chama à repressão, julgamento e detenção que o promotor Antonio Marini desenvolveu desde 1995 contra o entorno anarquista na Itália. Marini, com ajuda da R.O.S. (reagrupamento das Operações Especiais, seção antiterrorista dos carabinieri italianos), em 1995 emite 29 ordens de busca, apreensão e prisão preventiva, e o julgamento oral de 68 pessoas, entre anarquistas que já estavam detidos por expropriações e o entorno anárquico de Itália. Dentro desta operação, as publicações anarquistas Canenero, Anarchismo e G.A.S. foram rebatizados como “órgãos de circulação interna da banda armada”, as moradias e okupas foram catalogadas como “pisos francos” onde se planejavam e executavam as ações, e se criou a fantasiosa banda armada anarquista: ORAI (Organização Revolucionária Anarquista Insurrecionalista). No decorrer do processo, o promotor adiciona, assaltos bombas e ate sequestros que nunca consegue relacionar com os anarquistas

bons, necessária para o poder, era adjudicada aos anarquistas da FAI<sup>6</sup> italiana. Não me entendam mal, sigo opinando que, por mais do que falem os juízes, promotores e outros nojentos, os anarquistas são todos indigestos para o poder, quaisquer poder. Sou o primeiro a dizer que as manobras de adjudicar um caráter “bom” a uns, são somente instrumentalizações, porém elas apontam o que a repressão quer fazer, evidenciam não apenas a verdadeira essência do poder, mas também, e sobretudo, apontam o que, em determinado momento, o poder teme; uma bússola que nos sinala a prática mais eficaz, por ser é a mais temida. E observem bem que a repressão não se limita em reprimir a quem golpeia materialmente, mas também a quem propõe uma estratégia de ataque diferente, com as palavras e o pensamento, mais simples, mais dinâmica e palpável. Bastaria com ouvir alguma audiência da “trágica” palhaçada que esta se realizando em Torino<sup>7</sup> para perceber isto. É estúpido relatar avaliações, o sábio é se fazer alguma pergunta.

Deixemos de lado o ponto de vista da repressão e procuremos responder à pergunta sobre as diferenças entre o “velho” e o “novo”. A “coordenação” é a primeira diferença, que pula aos olhos, entre o insurrecionalismo “inclusivo”, “social” e aqueles que como a FAI-FRI, se relacionam unicamente através da ação, dando vida aos chamados para o ataque. Na estratégia insurrecional ligada às lutas intermediárias<sup>8</sup> sobre um território delimitado (por exemplo na Val Susa)<sup>9</sup>, a coordenação é indispensável para garantir aquela

---

6 **N.d.T.:** FAI, neste caso se refere à Federação Anarquista Italiana, Totalmente diferente da Federação Anarquista Informal.

7 **N.d.T.:** Faz referencia à luta No TAV que se desenvolve na região de Torino

8 **N.d.T.:** As lutas intermediárias são aquelas que não tem um caráter imediatamente destrutivo, mas reivindicativo, tendo como objetivo se fortalecer para se preparar melhor para a luta (Alfredo Maria Bonanno, *No Podreis Pararnos*, 2005: pag. 35, Ediciones Conspiración, traduzido de Ediciones Klinamen).

9 **N.d.T.:** Val Susa é o Vale de Susa, região onde se desenvolve, desde a década de 90, a luta contra a construção de um trem de alta velocidade, campanha conhecida como NO TAV. A oposição à construção do trem de alta velocidade envolve críticas ao impacto que essa estrada de ferro provocaria no vale quanto aos elevados custos públicos da tal construção. A campanha NO TAV tem características multiformes que vão desde protestos mais cidadãos, como o acampamento que foi batizado como a republica livre de Magdalena, até eventuais ações de ataque contra a materialidade

constância no tempo que permite se adaptar às contínuas mudanças da luta “popular”. Além do mais, essa “coordenação” precisa operar sem deixar rastros, porque precisa se “direcionar” sem revelar os seus próprios objetivos insurrecionais, já que o “movimento real” (as pessoas) não entenderia uma perspectiva de confrontação radical sem mediações e a interpretaria como suicida. As peças “dessa” estratégia podem ter muitos nomes: “organizações autogestionadas”, “comitês de base”, “assembleias populares”... e devem se mover com sabedoria e prudência, como num jogo de damas. Um “jogo” de estratégia que periga cair na “política” e na “mediação”, mas que se o lograsse, levaria à insurreição, ainda que fosse apenas em pequenos territórios. A coordenação tem um risco em comum com a organização específica, o de gerar uma elite de profissionais da insurreição, que graças a sua capacidade e vontade decidem e controlam tudo, ou quase tudo. Não existe esse risco entre os grupos ou individualidades, organizações informais que formam parte da chamada “nova anarquia”. Nesta “internacional anárquica” não existe nenhuma “coordenação” entre os grupos que a compõem ... os grupos se limitam em concentrar suas próprias forças nos objetivos similares, através das campanhas internacionais, promovidas pelas reivindicações<sup>10</sup>. Não se dá caducidade nenhuma, nem estrutura comum, nem sequer mínima, fora do próprio grupo... o arquipélago da FAI-FRI é um dos componentes dessa “internacional” a qual, por sua vez, está igualmente “desestruturada”.

Outra diferença que pula aos olhos é a “reivindicação”. Os insurrecionalistas (velho estilo) a aborrecem, como aborrecem as siglas e os acrônimos, para eles as reivindicações servem só para afirmar a própria existência, se arrastando num mecanismo estéril de auto-representação e reduzindo o “oprimido”, o “excluído”...

---

*do Estado italiano. Conseqüentemente, a luta No TAV, tem também cobrado esses ataques roubando a liberdade de algumas pessoas envolvidas nela. Contudo, a estrada de ferro continua sendo um projeto obstaculizado.*

10 **N.d.T.:** Cabe apontar que efetivamente não existe coordenação nenhuma, mas que existem ataques sintonizados os quais às vezes foram nomeados de ataques coordenados. em Todo qualquer caso o que se insiste nesta parte é na ausência e rechaço a sermos coordenados por uma entidade alheia a nós mesmos.

no rol de simples espectador. Esse discurso teria sua lógica, se não fosse porque a “reivindicação”, em nosso caso, é um meio para nos comunicar entre nós. Na minha opinião, uma crítica desse tipo está fora de lugar já que falamos de uma comunicação interna do “movimento”, dirigida, por tanto, às forças já existentes, as anarquistas e rebeldes conscientes, que já praticam a ação destrutiva. Essa espécie de “internacional anárquica”, não pode ter como objetivo fazer “proselitismo” ainda menos guiar os/as oprimidos/as até a anarquia, como se fossem ovelhinhas procurando um pastor. Nós mesmos somos oprimidos e utilizamos as reivindicações para simplificarmos a vida e evitar estruturas complexas e coordenações fastidiosas que afogariam nossa ação nos demorando. Esta forma de comunicação nos permite uma maior operatividade, se logo há quem se limita a bater as palmas, no fundo não é de nossa abrangência, é problema deles. No que tem a ver com os acrônimos e as siglas, elas não são indispensáveis, mas quando estão (por exemplo a FAI ou a CCF), servem “somente” para dar continuidade a um discurso, um modo de “unir”, permanecendo afastados. Os seguintes fragmentos de duas reivindicações, uma em italiano e a outra em alemão, são o exemplo concreto deste diálogo contínuo a través das ações, que superam as fronteiras dos estados Nação, nos “unindo” sem estar organizados. Na minha opinião, são um exemplo real, vivo, latente, de uma das tantas formas em que a “organização informal” pode se dar agora e imediatamente:

**– Roma, Célula Santiago Maldonado/ FAI-FRI reivindica o ataque explosivo contra o Quartel de Carabinieri (07/12/2017):**

*“Cada individuo e grupo de afinidade desenvolve e incrementa suas próprias experiências na vinculação fraternal... A organização hierárquica estruturada, além de matar a liberdade dos indivíduos, expõe mais à reação da opressão. A organização anarquista informal é o instrumento que temos considerado o mais apropriado, neste momento, para esta específica ação, porque nos permite ter ao mesmo tempo: nossa irredutível individualidade, o diálogo*

*através da reivindicação com os outros rebeldes e finalmente, a propaganda veiculada pelo ecoar da explosão. Não é, e não quer ser, um instrumento absoluto e definitivo. Um grupo de ação nasce e se desenvolve sobre o conhecimento, sobre a confiança. Mas, outros grupos podem compartilhar, ainda apenas temporariamente, uma projetualidade<sup>11</sup>, um debate, sem se conhecer pessoalmente. Se comunicam diretamente através da ação.*

*Com esta ação lançamos uma campanha internacional de ataque contra homens, estruturas e meios de repressão. Cada um com o instrumento que considere mais oportuno e, se assim desejam contribuindo para o debate...”*

***– Berlín, Célula “Minoría Violenta” / FAI reivindica incêndio contra um veículo de uma empresa de segurança (06/03/2018):***

*“O incêndio de veículos das empresas de segurança em Berlim como útil meio de comunicação. Citando outras reivindicações, seguimos a proposta de nos relacionar para desenvolver tanto uma mobilização mais abrangente de grupos militantes na Europa, quanto para desenvolver nossa base teórica. Reconhecemos as palavras e a solidariedade, e as compartilhamos, quando RouiviKonas escreve sobre o ataque contra a embaixada da Arábia Saudita em Atenas, o 19/12/2017... Algumas pessoas em Roma expressam nossos mesmos pensamentos quando reivindicam, como Célula Santiago Maldonado FAI/FRI, o ataque explosivo contra o Quartel dos Carabinieri em San Giovanni... As vezes é necessário definir o contexto em que agimos, como tem feito os anarquistas em BarLe-DUc, quando esparramaram muita raiva e alguma chama no estacionamento*

---

11 N.d.T.: A projetualidade, se refere à necessidade de ter uma visão ampla e coerente sobre a decisão de se rebelar contra a dominação, e fazer dessa decisão um projeto não de militância política, mas de vida livre ciente das ameaças concretas contra ela: “Existe uma realidade social. E ela está asfixiando o planeta com suas mercadorias e seu controle, impondo uma miserável existência de escravidão com a autoridade e o mercado em todo lado. Mas o rechaço a essa existência imposta -a decisão de se rebelar contra ela- nos impõe a necessidade de viver nossas vidas como queremos, ou seja a necessidade de projetar elas. Essa projeção da vida, aponta, conseqüentemente, à destruição da ordem social” (Wolfi Landstreicher, *Vivir proyectualmente*, ediciones Willful Disobedience).

*de Enedis... Ainda sendo poucos podemos nos organizar em vez de esperar a aprovação dos chamados “organizadores do movimento” e reagir diante do ataque das autoridades. Podemos agir e eleger nós, nossos tempos, por nós mesmos...”*

***Para terminar com as citações, uma contribuição do outro lado: um texto “insurrecionalista” retirado de “Avis des Tempetes. Boletim anarquista pela guerra social” n.1 (15/01/2018); o título do artigo “Ricominciare”***

*“... A organização informal ou, melhor dito, uma auto-organização sem nome, sem delegações, sem representações... Para sermos claros: As organizações informais são múltiplas, em função de seus objetivos. O método informal não aspira a juntar a todos os anarquistas em uma mesma constelação, mas permite multiplicar as coordenações, as organizações informais, os grupos de afinidade. Seu encontro pode ocorrer no contexto de uma proposta concreta, de uma hipótese, ou de uma projetualidade precisa. Essa é a diferença entre uma organização informal, do entorno dos irremediavelmente “vadios e malfeitores” [NdT: “vagli e sotteranei” literalmente “vadios e subterrâneos”] (que não procuram seguidores) e outros tipos de organizações de luta para as quais o importante é quase sempre afirmar sua própria existência com a esperança de ter um peso sobre os feitos, dar indicações a respeito dos recorridos a serem seguidos, ser uma força no balanço dos equilíbrios do poder. A organização informal se projeta em outra parte, esquivando a atenção dos cães do domínio, existe apenas nas ações que realiza. Em definitiva, não tem um nome para defender ou afirmar, somente tem um projeto para realizar. Um projeto insurrecional...”*

Os companheiros/as que nos anos 80-90, na Itália, viveram na pele o chamado “projeto insurrecional”<sup>12</sup> deveriam ter entendido que não bastam as palavras bonitas e as esplêndidas teorias para evitar

---

12 **N.d.T.:** Entendemos que se refere à expansão e difusão das propostas insurrecionalistas, na Itália, baseadas nas experiências de luta específicas como o caso da Sicília contra a base nuclear.

“... a atenção dos cães do domínio”. O processo “Marini” faz escola com suas dezenas de anos repartidos e de vidas quebradas. Não é suficiente a falta de reivindicações e de acrônimos para ser “vadios e malfeitores” quando “irremediavelmente” nos vemos forçados, para não ficarmos por fora do contexto “social”, a participarmos de assembléias onde todos sabem, ou antes, ou depois, tudo, e onde o gregarismo, a autoridade e o poder fazem pontual e inexorável aparição. Nada, na minha opinião, está mais longe do anonimato do que o “projeto insurrecional” entendido de maneira inclusiva, “social”. Não basta com a vontade de “... não procurar seguidores...” quando as lutas sociais nas que participamos nos fazem atores e figuras de fenômenos midiáticos como a Val Susa ou, ainda antes, o Comiso<sup>13</sup>, “laboratório” onde essa projetualidade tem sido experimentada na prática, pelo menos aqui na Itália. A perspectiva insurrecional tem esses riscos, podemos confrontá-los ou não, se trata de uma questão de caráter, perspectivas e talvez também de resultados... Não posso me esquecer dos silêncios nas assembléias nas quais sempre falavam os mesmos, “de fato” decidiam. Culpa da imensa maioria de silenciosos, eu também estava entre eles. Condicionado demais pela autoridade (seguramente não procurada) de companheiros com mais experiência, com mais conhecimento, melhores para falar, melhores para fazer, talvez...

Hoje, fora desta cela, não sei que tem ficado dessa projetualidade. Depois da desilusão da Val Susa, muitos companheiros/as deveriam, talvez, refletir sobre a necessidade de calcular melhor a própria ação e não reluzi-la, mas apontar mais alto e se dar conta de que seguir a “multidão” a quaisquer custo se torna contraproducente. A luta “intermediária” tem o perigo de nos empurrar mais para trás do que para frente, nos fazendo perder o sentido daquilo que nós somos, um

---

13 **N.d.T.:** No começo dos anos 80, em Comiso, na região da Sicília, os anarquistas levaram adiante uma luta contra uma base militar que foi abrigo para armas nucleares. “Os anarquistas foram bem ativos nesta luta, que foi organizada em ligas auto-gestionadas. Para este caso, as ligas autônomas tomaram três princípios gerais para guiar a organização da luta: conflito permanente, autonomia e ataque! Conflito permanente significa que a luta poderia permanecer em conflito com a construção da base até o fim sem mediação ou negociação. Estas ligas são auto-criadas e auto-geridas; recusam a delegação permanente

pouco como acontecia no século passado com o anarco-sindicalismo. Para quem não estava naqueles anos, podem ser contados muitos contos, porém, frequentemente terminamos por nos contar esses contos a nós mesmos para manter em vida ilusões de consolo, ou nosso próprio jardim dentro do movimento. E justamente para não me contar contos, tenho que ser claro, (sobretudo comigo mesmo): não existe uma prática “pura” que não implique um compromisso ou risco. A “pureza” não existe, e ainda menos quando temos que nos jogar na luta desesperada na qual o “inimigo” nos rodeia por todos os lados. Como também não existe uma afinidade “indestrutível”, “absoluta” (a desilusão sempre pode estar na volta da esquina), não é seguro que ela sobreviva a todos os obstáculos que o poder nos põe diante. Quando não nos organizamos através de uma organização formal, tudo se baseia na amizade, na lealdade, no respeito da palavra, no afeto, no amor, e na coragem, coisas que erradamente consideramos “eternas”. Ainda mais do que numa organização clássica, na informalidade temos que estar preparados sempre para permanecer sós. Nosso destino está totalmente em nossas mãos, não existem delegações de nenhum tipo. O grau de independência e de autonomia devem sempre ser os máximos. Acredito que é sadio, no fundo “o que não mata fortifica”, esperemos... Para concluir, acredito poder afirmar que estamos diante de duas estratégias diferentes, baseadas na informalidade, as quais agem em dois patamares absolutamente diferentes: A primeira tem como referencial o social, o “movimento real”<sup>14</sup>, e tem o ambicioso objetivo de desencadear, a longo prazo, uma insurreição generalizada, partindo de conflitos restritos a um território concreto. A outra, tem o objetivo mais “modesto” de fazer o máximo de dano possível, sem pôr o tempo como retardador, com as forças reais (por muito “escassas” se estas sejam) que os/as anarquistas tem hoje a disposição. Entre as duas

---

14 **N.d.T.:** O movimento real a diferença do movimento fictício (aquele que se afasta das ruas e se concentra nos textos, as teorias e os congressos, gerando uma elite de analistas) é o movimento anarquista que tem a capacidade, de errar constantemente na procura de, autoorganizadamente e em relação com o demais conjunto de lutas, alcançar a revolução, sem deixar de lado posições fundamentais do anarquismo mas atualizadas a cada espaço e tempo. Para aprofundar, em termos do debate atual, pode se ler o texto: “Movimento real, movimento fictício” de Alfredo Maria Bonanno ao qual provavelmente faz referência o compa Alfredo Cospito

estratégias não precisam existir contraposições, podem coexistir tranquilamente, bem afastadas, num mesmo tempo, lugar e luta específica. Outra coisa que acredito posso afirmar com certeza é que quaisquer prática contem riscos. Na organização informal “aberta” que procura relação com o “social”, está o risco de nos dissolver e estender a mão para a mediação da política. Na organização informal “instrumento para fazer a guerra” (exemplo a FAI-FRI), está o risco de terminar num “sectarismo”, numa clausura total com o resto do mundo. Com o tempo podemos nos esquecer de que apenas é um instrumento entre muitos outros e não um fim nele mesmo, nos arriscando a nos tornar “fãs” de um acrônimo e não simplesmente participantes “momentâneos” de um instrumento comum. Para evitar cair nessa espécie de “autismo”, e repetir infinitamente os mesmos erros, bastaria com não nos contentar nunca com os resultados obtidos, afiar permanentemente nossas armas e, sobretudo, não esquecer a utilidade da autocrítica, porque ninguém tem a verdade no bolso, se é que tal “verdade” existe.

Nos últimos anos, com essa “internacional” da ação, muitos irmãos e irmãs tem começado um recorrido novo, nos abrindo perspectivas que ontem eram impensáveis. Não deixemos nos arrastar também nós mesmos, pelo “autismo dos insurretos”, seria imperdoável...

**Vida longa às campanhas internacionais!**

**Vida Longa à CCF! Viva a FAI-FRI!**

**Que viva a anarquia!**

*Paola\*, Anna\* que a terra seja leve com vocês*

*Alfredo Cospito*

*\* Artigo do Revista Fenrir #9*

*\*Paola, companheira ativa nas lutas animalistas, no ecologismo*

radical e contra todas as cárceres “...ainda na afirmação de uma ética que está se perdendo pelas ruas.” Lamento não ter me trombado nunca com você...

*\*Anna Campbell*, companheira de Bristol, da Cruz Negra Anarquista assassinada em Afrin combatendo com a YPG

A night scene of a large fire, possibly a protest or riot, with a person's silhouette in the foreground. The fire is bright orange and yellow, and the person is seen from the back, looking towards the flames. The background is dark with some distant lights.

# BREVE INFORMATIVO DO ESTADO DO TEMPO

**GUSTAVO RODRIGUEZ**

*“O que se condena é precisamente o fato de se manter de pé e andar a partir de uma crítica radical do poder e de uma ética intransigente da liberdade, e para o cúmulo, de o fazer até as últimas consequências.*

**Daniel Barret (Rafael Spósito)**

Em datas recentes, tem cobrado novos impulsos um velho e fastidioso debate, porém não por isso carente de importância, no interior dos círculos anarquistas de práxis, os quais vem recuperando, ao longo dos últimos quarenta anos, o fôlego insurrecional da Anarquia. Neste sentido, é inegável o protagonismo dos blogs de contra informação anarquista<sup>1</sup> e, das novas publicações internacionais, comprometidas com a renovação da proposta anárquica de signo insurrecional. Entre as publicações implicadas neste debate teórico, destacam Vetriolo, Fenrir, Avis des Tempêtes e, Kalinov Most, para mencionar algumas das mais ativas neste faustoso processo de re atualização da teoria e da prática ácrata em ambos os lados do Atlântico. Nas suas páginas, constantemente, encontraremos reflexivos ensaios e contundentes colaborações destinadas a reafirmar o ideal anárquico desde a prática, confrontando desvirtuações e assinalando desvios. A maioria dos textos delas são anônimos, ou feitos coletivamente, pelo geral assumidos como posição editorial, ou assinados com o nome da própria publicação.

“Fora do anonimato”, como nos lembra o companheiro Cospito, “somente falam os presos (e os prófugos e furtivos- eu agregaria) que, com orgulho, reivindicam seu próprio recorrido”<sup>2</sup>. E, sim, precisamente um desses companheiros é Alfredo Cospito, quem, quiçá por isso, tem tido que se assumir vórtice do atual debate intrínseco ao denominado insurrecionalismo, sobre o dilema

---

1 Teríamos que fazer ênfase no desenvolvimento dos meios eletrônicos dedicados a potencializar a discussão reflexiva entre anarquistas insurrecionais, tais como **Contrainfo**, **Round Robin**, **Anarhija.info**, **Anarquia.info** (*instinto Salvaje*), **25**, **ContraMadriz**, **La Rebelion De Las Palabras**, por nomear alguns na minha memória.

2 Alfredo Cospito, *O autismo dos insurretos*, Revista Fenrir número 9, 2018, p 32-55

entre a reivindicação ou o fazer anônimo. O miolo da discussão, aparentemente, se centra no antagonismo, que colocam alguns companheiros, entre a prática da ação anônima e a ação reivindicada por alguma agrupação particular. Antiga discussão interna que se remonta ao próprio conceito de “propaganda pelo fato”<sup>3</sup> e que rebrota, com novos ânimos, na reta final dos anos 70, com a irrupção do anarquismo insurrecional no meio do imobilismo contemplativo que tinha se arraigado em nossas tendas na segunda metade do século XX.

No entanto, a discussão que hoje nos envolve - aquela que se leva adiante encarecidamente no próprio coração da tendência anárquica informal- começou a criar seu perfil atual pelos anos noventa do milênio passado<sup>4</sup> e recarregou as baterias em novembro do ano 2011, pelas múltiplas reações que provocou a *Carta a la galaxia anarquista*.<sup>5</sup> Esse contexto motivou a celebração das Jornadas Informais Anárquicas (Simpósio Internacional) na cidade do México dois anos mais tarde. Convidando a participar dele as partes divergentes e que, lamentavelmente, a repressão sistêmica impediu de ser concretizado como tinham projetado seus organizadores.

Apesar disso, alguns companheiros insistem em que o “dissenso”, na real, se localiza na inferida contradição entre o chamado “novo insurrecionalismo” e um “insurrecionalismo clássico”, “tradicional”,

---

3 Ainda que o conceito seja imputado a Paul Brousse, pela provável autoria de um artigo anônimo que se intitulou “La propaganda par le fait” no boletim do Jura da Internacional, em 5 de agosto de 1877, Bakunin tinha esboçado o princípio, sete anos antes: “a partir deste mesmos momento, devemos difundir nossos princípios, não com palavras, mas com fatos, porque essa é a forma de propaganda mais irresistível (...) em todo instante e em qualquer circunstancia, sejamos inexoravelmente consistentes na ação.” Bakunin, “Létre à um français” 1870, em: Dolgoff, Sam, *La anarquia según Bakunin*, Tusquets Editor, Barcelona, 1977, p. 228.

4 Mantelli roçava tangencialmente esse debate por aquelas datas, ver Mantelli, Guido, “desde o abismo” livreto xerocado, julho de 1988, p. 13. Vale a pena esclarecer que o fato de citar Mantelli não significa necessariamente que coincida com todos os seus postulados, desconheço se, na atualidade, ele continue na espera do florescimento “de outros milhares de movimentos de transformação social”, ou se ainda aposta pela Revolução Social como o registro à Anarquia, ou se abraçou o impetuoso processo renovador que clama o direito a se equivocar.

5 Vid. “Lettre a la galaxie anarchiste”, disponível em: <http://nosotros.incontrolados.Overblog.com/article-lettre-ouverte-a-la-galaxie-anarchiste-96947404.html>

“puro”...<sup>6</sup> que se nega a assimilar as mudanças que o localizem à altura da historicidade presente.

## **AS MUDANÇAS PRODUZEM MEDO**

Nesta situação, haveria de apontar, que as modificações -lentas ou aceleradas- que têm acontecido no decorrer das últimas décadas, no plano das configurações sociais, políticas e econômicas, além das adequações que tem se gerado a partir da experiência recolhida ao longo dos últimos vinte anos, pelos impulsos da guerra anárquica em territórios específicos, têm provocado um processo de renovação, que alimenta dúvidas e produz medo nas mesmas entranhas da tendência informal anarquista.

Como bem adverte o companheiro Cospito: “algo tem mudado” no interior do insurrecionalismo. Não se trata de um “subproduto”, mas de uma espécie de “evolução” que parece não se deter diante de condenações, isolamentos ou falta de comunicação. Um insurrecionalismo com certeza mais desordenado, mas com a grande virtude de não ter fórmulas preconcebidas, já que é absolutamente caótico”<sup>7</sup>.

Evidentemente, a descrição dessa peripécia raivosamente atual, suscita inquietações e postula questões. Conseqüentemente, é nossa vez de dissipar - até onde a compreensão nos permita- os temores e as dúvidas, geralmente associadas com os processos de mudanças. Vale a pena, então, esclarecer que as renovações que vêm acontecendo no que fazer cotidiano dos círculos do anarquismo insurrecional não representam um “desvio” no interior de nossas casas, nem concretizam nenhuma deformação ideologizada. Pelo contrário, esse desenvolvimento dinâmico da insurreição ácrata em nossos dias - a cada vez mais afastado das receitas e conceitos alheios-

---

6 Alfredo Cospito, “O autismo dos insurretos”. *Op Cit.*

7 *idem.*

faz com que a tendência informal anárquica, hoje, reafirme suas teses fundamentais e comece a se remeter como modelo em escala internacional. Isso somente pode ser concebido como um campo de oportunidades e desafios. Por isso, não há postura mais razoável que assinalar, também com o vigor necessário, os obstáculos que vieram limitar o desenvolvimento do movimento anárquico atual, sobre os quais teremos que agir com a determinação precisa.

Porem, antes de continuar avançando nos esclarecimentos pertinentes, considero que vale a pena sublinhar que o termo “insurrecionalismo” nunca tem nos parecido completamente idôneo<sup>8</sup> para designar o profundo processo de reafirmação e reatualização teórica e prática que propiciou o retorno da informalidade anárquica, no espectro das propostas beligerantes de finais da década dos setenta do século passado, após anos de ostracismo e esquecimento. Ainda quando é certo que com essa expressão se ratifica o natural posicionamento da Anarquia frente ao poder (em geral) e (particularmente) frente ao imobilismo e a poluição social democrata do período de anarquismo de transição<sup>9</sup>, também é inegável que o termo tem o perigo de se confundir com uma nova mercadoria disponível no vasto mercado das ideologias<sup>10</sup>.

---

8 *Paradoxalmente, tanto próprios quanto estranhos, tem me outorgado sempre essa “etiqueta”, ainda quando de maneira invariável, tenho feito questão na informalidade, já que é dela que se desprende o método organizativo e, sobretudo, os permanentes objetivos insurrecionais da Anarquia.*

9 *Falar de anarquismo “clássico”, “de transição” e “pós-clássico”, referencia a sistematização e análises desenvolvido pelo companheiro Daniel Barret (Rafael Spósito), que nos oferece uma ideia detalhada de sequência e periodização do desenvolvimento do anarquismo. Cabe apontar, que por período “Clássico” entendemos o processo de formação, crescimento e auge dum paradigma sedicioso que se expande desde suas origens até o momento culminante da Revolução Espanhola entre 1936 e 1939. O segundo período, “de transição”, começaria precisamente com a derrota do projeto anarcosindicalista e se caracterizaria pela retração do anarcosindicalismo como paradigma, a confusão das alternativas políticas (práticas e organizativas), e um sentimento nostálgico geral a respeito do processo revolucionário espanhol. Finalmente se abre um terceiro período o qual temos denominado “pós-clássico” que, com as reservas do caso, iniciamos em maio de 1968, encerrando a etapa precedente e inaugurando novas possibilidades para o anarquismo, e a exigência de abordar uma tarefa ainda inconclusa: A elaboração de um novo paradigma sedicioso, capaz de produzir as modificações críticas, metodológicas e organizativas que possibilitem a reparação protagonista da Anarquia nos processos de subversão de nosso tempo.*

10 *Assim fariam diferentes detratores da informalidade anárquica, se destacando: O insidioso panfleto dos marxistas **desvelados** do Grupo Comunista Internacionalista (GCI) que, para a publicação, assinaram como Proletários Internacionalistas o texto **Critica da Ideologia***

Não apenas pelo nefasto sufixo (“ismo”) com que termina essa palavra, mas pelo acomodo da própria noção de “insurreição” que, no caso, se limita à estratégia invariante da “insurreição generalizada”, reduzindo o infinito agir insurrecional anárquico em uma sorte de expressão matemática que não muda de valor diante de determinadas transformações. De todas as formas, apesar dessa e de outras dissonâncias igualmente importantes, não duvidamos em nos somar -lá pelos anos oitenta do século XX- a esse potente processo de reatualização do anarquismo que, como sempre tenho apontado, reanimava sua gestualidade transgressora e revivia seu espírito insurrecional garantindo seu presente.

Depois de um profundo balanço reflexivo das lutas do movimento anarquista histórico e uma análise consciente das mutações do capitalismo, um núcleo de companheiros italianos inaugurava um conjunto de teses e contribuições que abria o caminho para novos entendimentos e novas concepções que não correspondiam mais com os anquilosados modelos de organização e ação que ao longo de quase um século tinham o caracterizado, dando vida a um anarquismo recontextualizado e rejuvenescido, que recuperava sua capacidade sediciosa. Esse enramado de propostas e considerações seria conhecido no interior do movimento como Teses insurrecionalistas e, popularmente, ficaria batizado como “insurrecionalismo”.

Não tenho a costume de lançar flores de plástico para ninguém, mas não se pode ocultar que o companheiro Alfredo Bonanno seria o mais evidente impulsionador de tais teses, tendo se dedicado a sistematizar as contribuições desta etapa e a produzir incontáveis textos com certa procura refundadora. Tenho feito sempre esse iniludível reconhecimento, sem, por isso, relegar as importantes contribuições teóricas e práticas de um nutrido grupo de companheiras e companheiros, entre os que sobressaem o meu querido Consta Cavalleri, nossa entranhável Jean Weir, Massimo

---

*Insurrecionalista, e o texto do situacionista atrasado Miguel Amorós, Anarquia Profesional y desarme teórico. Uma Crítica al Insurreccionalismo.*

Passamani, e Guido Mantelli (talvez o insurrecionalista mais crítico do insurrecionalismo no seu tempo), nem deixar de distinguir um fardo de debilidades e limitações presentes em dita tendência desde seu renascimento, que, precisamente, pontuam-se nessas “dissonâncias” as quais me referia anteriormente.

### **A TEMPESTADE NUM COPO DE ÁGUA**

A oposição entre a “ação anônima” e a “ação reivindicada”, ainda quando se enquadra na tempestade num copo d’água<sup>11</sup>, reduzindo-se a “um falso dilema”, como remarca Cospito<sup>12</sup>, também se ergue como uma contraposição maniqueísta entre a “insurreição generalizada” e a “insurreição individual”. Ou seja, trata-se da eterna dissonância entre os partidários da “insurgência social”, inseridos no “movimento real” dos despossuídos, com sua estratégia de “lutas intermediárias” (inclusivas, pelas alianças e políticas) e os sequazes da guerra anárquica através da insurreição individual (cheia de hereges, parricidas e desafortunados incontrolláveis).

O que seduz desse aparente antagonismo é que ele provoca a aprofundar as ideias, à reflexão constante a partir da experiência prática e põe em evidência as contradições a serem superadas, ou seja, nos incita a evoluir, a não nos estancar, a remoçar.

A respeito disso é importante corroborar um intenso processo de renovação sistemática no interior do chamado insurrecionalismo, traçado ao longo de um extenso caminho de críticas ao imobilismo, ao anarcosindicalismo tresnoitado, à síntese especificista, ao “anarco”-leninismo (neoplataformismo) e às ideologias em geral. Críticas que,

---

11 *Essencialmente, depois da transformação do conceito “reivindicação” e o caráter endógeno que ele adquire ao se transformar no veículo de comunicação da “comunidade em guerra”, deixando para atrás a ótica da construção de um “contrapoder” frente ao Estado, e se centrando na ação do “indivíduo e seu grupo”.*

12 *Alfredo Cospito, O Autismo dos Insurretos, op. cit.*

sem dúvida, tem-lhe permitido se forjar como uma configuração aberta que muda, precisamente, sob influência das condições nas quais age, no compasso das transformações nas lutas e nas formas de pensar a agir, adequando-se à historicidade concreta da que fazemos parte. Conseqüentemente, mediante a prolongação ao infinito deste processo de renovação, será possível conseguir os insumos específicos que permitirão nos impor diante das limitações, quebrar ataduras e conceitualizações que impedem, hoje, o livre desenvolvimento teórico e prático do anarquismo contemporâneo.

Corresponde a nós, dar continuidade a esse processo de apropriação da historicidade e experimentar um novo empurrão, com sua pertinente renovação teórica e prática. Qual melhor maneira de impulsionar uma teoria e uma prática rejuvenescidas que introduzindo uma agenda de reflexões e diálogos entre as companheiras e companheiros comprometidos com a recriação de um paradigma subversivo renovado, que tenha a capacidade de articular os anarquistas informais e de projetar a guerra anárquica em todos os confins do planeta, confrontando as diversas formas de poder estabelecidas e por ser estabelecida. Porém, estes diálogos -inevitáveis- haveremos de tê-los sem arrogância e sem condenações moralizantes. Não é de incumbência dos anarquistas doutrinar, nem repreender. Isso apenas é da incumbência daqueles que evangelizam desde o púlpito, com ar de guias espirituais. Quem age assim não procura afins, cúmplices e co-conspiradores, mas discípulos e ovelhas dóceis para pastar.

Lamentavelmente, para muitos dos companheiros que não concordam com as novas contribuições que vão se adicionando no processo de renovação das teses insurrecionais, não ficou outra coisa que não seja a especulação diante da propagação do agir caótico de uma prática anárquica que cada vez mais provoca coceira nos organismos repressivos e nas instâncias de poder. No entanto, essas intermináveis especulações perdem a visão sobre uma questão que é fundamental para compreender o que esta acontecendo: a

prevalência do “novo” ilegalismo anárquico (daquela espécie de evolução da tendência informal anarquista) não é consequência do que se faz ou do que se deixe de fazer, nem do como é que se faz, mas de que a alternativa a isso tudo (aquela que mediante as “lutas intermediárias” prepara as condições para a inalcançável “insurreição generalizada”) provoca aversão na imensa maioria dos anárquicos informais porque se parece demasiado com aquela imobilidade que tínhamos dado por acabada.

Eisa razão de nossa tenaz insistência na necessidade de impulsionar o debate muito mais para além dos métodos de agir do informalismo anárquico (grupos de afinidade anônimos versus grupos de afinidade coordenados sob uma sigla, ou a reivindicação das ações versus o agir incógnito), centrando os eixos da discussão na seleção dos meios para a concretização da projeção anárquica. Debate que nos permitiria atualizar nossa crítica confrontando o problema da ação frente às condições que impõem as atuais estruturas da dominação.

No fim dos anos 70 do século passado, o anarquismo insurrecional teve o mérito indiscutível de reativar a práxis, sintonizando-se com a realidade das lutas do fim do século XX, chamando a superar velhos diagramas de organização e ação, pondo ponto final no período anterior de sobrevivência do anarquismo que eclipsou o movimento e o degenerou em ideologia. Assim, o anarquismo insurrecional empreendeu um esforço extraordinário de re-elaboração teórica e prática que lhe permitiu localizar, nos feitos, a imobilidade anarcosindicalista e especificista. E, ainda quando acendeu perspicazes abordagens que apostavam na destruição do trabalho, a expropriação e o ataque permanente contra a dominação mediante a organização informal, nunca abandonou a obsessão por uma “saída insurrecional de massas” e a esmagadora reação em cadeia que tem até abocar no comunismo anarquista pela via da Revolução Social Transformadora.

No entanto, é importante apontar que essa visão “determinista” tem uma tradução automática no plano da prática política e dos

métodos de ação que o insurrecionalismo dos anos 70 ia assumindo como principal referência de crítica e enfrentamento, influenciado diretamente pelo auge da luta autônoma e demais elucubrações próprias da época, as quais, nesta altura do jogo, começam a aparecer como limitações e fraquezas de seu desenvolvimento teórico. Por enquanto, para poder compreender melhor aqueles posicionamentos, parece imprescindível aperceber que o movimento anarquista, em repetidas ocasiões, tem localizado sua teorização na retaguarda do pensamento marxiano, se ajustando a essa agenda teórica e adotando, sem maior receio, uma conceitualização que não é funcional e ainda menos coerente com os princípios de destruição para a liberação total.

Nesse tom, o anarquismo insurrecional de nossos dias merece apontamentos específicos que lhe ofereçam a oportunidade de superar todas as ambiguidades e de se sintonizar com a realidade do século XXI. É tarefa nossa soltar as amarrações e erguer a pesada ancoragem que nos manteve encalhados nos anos 70 do século passado. Teremos que nos adentrar no mar e empreender viagem rumo ao desconhecido. Corresponde a nós escolher o rumo dessa travessia. E temos a liberdade de errar.

## **EL ESTADO DEL TIEMPO**

O declínio do “anarquismo de inserção” e do seu “modelo de intervenção na realidade das lutas” mediante a participação orientadora dos grupos de afinidade e a “coordenação operativa desses grupos nas lutas intermediárias” abriu passo à irrupção e expansão da guerra anárquica contemporânea, que abandonou os desvarios ideológicos e se concentrou no ataque permanente contra a dominação a partir dos indivíduos e afinidades. Tal qual aponta Cospito: “A luta intermediária inclui o risco de nos empurrar mais para atrás do que para frente, nos fazendo perder o sentido do que

somos”<sup>13</sup>.

Sem menosprezo da afirmação anterior, corresponde agora executar um repasso crítico desses múltiplos “desvios” que nos levaram a “perder o sentido do que somos”. Para isso, e por enquanto, é suficiente mencionar as lutas de libertação nacional (desde Euskal Herria à luta do povo afro-americano nos Estados Unidos, passando por Porto Rico, a Irlanda e a unificação do Estado Saharai); a luta antiimperialista em Comiso; o confronto do neozapatismo e sua decadência eleitoral no México; a autodeterminação do povo Mapuche; a luta pela instauração do Estado Palestino; a revolução em Rojava pela soberania do Kurdistão; a independência de Catalunha; a fraude eleitoral na Venezuela com o conseguinte governo paralelo; a luta pela libertação de Lula da Silva no Brasil; a revolta para depor Jovenel Moise no Haiti; entre tantos outros exemplos de um longo inventário de pirotecnia de recuperação. Todas elas, mostras fiáveis de extravios e retrocessos cem por cento alheios à guerra anárquica<sup>14</sup> que, não apenas tem nos jogado para trás, consolidando um “anarquismo” de esquerda (e de direita) cada dia mais eclético, mas que tem deixado um saldo de companheiros e companheiras presos e assassinados<sup>15</sup>.

---

13 *Idem.*

14 *Desde já, esperaria que este exercício intransigente de re afirmação de princípios não seja mal interpretado pelos afins, e se entenda como um chamado à não violência ou à contração do agir destrutivo. Estamos convencidos de que nesses cruzamentos intrincados de beligerâncias sempre encontraremos a ocasião para acertar golpes com a aleivosia e premeditação, contagiando e expandindo a insurreição individual contra toda forma de dominação institucionalizada ou em caminho de se institucionalizar, pelo que resulta incoerente apresentar nossa guerra em função de sua agenda, ou estabelecer alianças e compromissos (por muito insignificantes que sejam) com as hegemonias ideológicas e organizativas propostas por cada um dos exemplos mencionados, familiarizados demais com quimeras vanguardistas, reformismos social democratas, cosmovisões patriarcais e nacionalismos populistas. Para nós, não se aplica a máxima maquiavélica, em nosso caso, o “inimigo do meu inimigo” nem sempre é nosso amigo. Seja ou não da complacência de eventuais detratores, é indubitável que esta re afirmação se fundamenta nos pontos teoricamente mais sólidos do pensamento anárquico sobre a liberdade e o rechaço categórico a toda forma de poder.*

15 *Por agora, vale lembrar do companheiro Joel Fieux, assassinado em Zompopera, Nicaragua, em julho de 1986; do compa Santiago Maldonado, assassinado em Chubut, Argentina, o 1º de agosto de 2017 e a companheira Anna Campbell, assassinada em Afrin, Kurdistão, em Dezembro passado, entre outras vítimas do prono revolucionário, usados e ultrajados até o cansaço com finalidades totalmente opostas à Anarquia.*

Continuar encalhados na repetição de modelos falidos e imobilizados por discursos de margarina (parafraseando Alejandro Acosta) empurra-nos para trás e nos condena a estarmos ao serviço do poder ou a brincar de guerra nos coçando o umbigo. Neste marco de reflexões, precisamos nos localizar na altura das necessidades atuais e isso reclama de nós um esforço enorme de reelaboração no campo da teoria e da prática, que rompa de vez e definitivamente com esse “anarquismo” eclético que hoje nos impossibilita navegar à Anarquia.

A propagação da guerra anárquica “com as forças reais que os anarquistas têm a disposição (por escassas que estas sejam)”, passa por essa reelaboração teórica a partir da nossa prática e o abandono definitivo de todo o alheio. Única forma consequente de aprofundar nos fatos a crítica contra a dominação e a servidão voluntária.

A elaboração de uma crítica “unitária”, que dê continuidade à guerra e que instigue a unir “permanecendo separados”, tal qual apresentamos, não é outra coisa do que a redefinição atualizada das nossas características. Sendo assim, nos compete agora integrar a experiência acumulada (ao longo de mais de quarenta anos de luta) com as mudanças substanciais do conflito cotidiano atual.

Reconhecer as metamorfoses degenerativas do outrora “sujeito revolucionário”, hoje dissolvido na legião imprecisa de consumidores cidadãos, é o inevitável ponto de partida para afiançar uma comunidade em guerra consciente, que colabore vigorosamente na expansão do ataque contra o sistema de dominação de nosso século. Se não somos capazes de perceber o sentimento de participação no qual a “massa” se submerge feliz, ou seja, se não percebemos a integração acelerada dessa caterva alienada de “oprimidos” e “excluídos”, não estamos aptos para desenvolver a guerra anárquica em nossos dias. Por isso é urgente renovar nossa nave, trocar uma ou outra madeira podre pela erosão do tempo. Isso será possível apenas

a partir de um balanço crítico.

Se não avaliarmos criticamente o passado, jamais contaremos com um inventário detalhado que nos confirme com o que contamos, o qual nos possibilite saber o que tem ficado para nós da nossa longa travessia na história. É urgente conhecer quantas armas subsistem e quais têm caducado. Será, então, companheiras e companheiros, que poderemos desempoeirar e engraxar as armas que continuem sendo úteis para esta nova expedição.

Hoje, o estado do tempo é favorável à navegação. O anarquismo tem recuperado seu tempero subversivo e sua vocação destruidora, afirmando sua configuração aberta, tão diversa quanto às condições das possibilidades. Concerne agora nos pôr de acordo no meio deste recorrido caótico. É preciso fomentar as coincidências porque estas devem dar passo a novos entendimentos e novas concepções que nos provoquem vontades de expandir a guerra anárquica até as últimas consequências. O momento chegou e está em nossas mãos. Não parece que existe muito tempo a perder. É hora de zarpar.

***Pela potencialização da Internacional Negra  
(informal e insurrecional)!  
Pela Anarquia!***

***Gustavo Rodríguez,  
Planeta Terra, 10 de janeiro de 2019.***

**P.S.** (de consolo): Se superamos a depressão de termos sido condenados ao “museu das antiguidades, junto à roda e ao machado de bronze”, e conseguimos nos sobrepor dos achaques circulatórios e da lombalgia provocados pelo prolongado imobilismo, hoje que gozamos de boa saúde, venceremos o autismo sem maior contratempo. Por agora, deve ficar claro para nós, que a total

recuperação depende apenas de nós mesmos e que não é possível deixar ela em mãos de nenhum facultativo.

**P.S. 2.** (exorbitante): Um forte abraço anárquico e aconchegante que abata “condenações isolamentos e falta de comunicações” aos meus queridos Gabriel e Elisa e a todas as companheiras e companheiros presos e fugitivos ao redor do mundo.

*Texto original retirado de **Kalinov Most** No.4, Abril 2019.*



**COLABORAÇÕES  
MARGINAIS PARA UM  
DEBATE EM CURSO**

**GABRIEL POMBO DA SILVA**

**FOTOGRAFIA: BOMBA SOB O CARRO DO DIRETOR DA  
PRISÃO DE ATENAS (2013)**

## **A MANEIRA DE INTRODUÇÃO**

Faz alguns anos, décadas na real, venho me relacionando com companheiros de ideias, originários de meio mundo, seja de forma escrita e/ou prática. A parte prática, sempre tem sido a que mais me ocupou, como anárquico de ação que sou, fazendo uma ênfase na práxis. Ou seja, na necessidade de conjugar as ações -nosso agir refratário- com nossas ideias. É da prática, de onde conseqüentemente, se nutrem nossas ideias e se elaboram nossas teorias. Um age (ou deveria) conforme a como pensa/sente e não se enquadrando nos postulados de algum código sacro preexistente, elaborado por sacerdotes pretéritos.

A práxis não acaba quando um é preso, como também não termina quando fechamos um “ciclo histórico” favorável à revolta. A práxis não se pendura como um casaco velho no prego do portão principal da prisão, esperando pacientemente a concluir a condenação para voltar a usá-lo... No cárcere continua nossa guerra, ainda com maior determinação e convicção. Aí empreendemos batalhas muitas vezes mais radicais e impiedosas, sem retroalimentação nem quimeras ideológicas. A maioria das ocasiões, ainda sem contar com nenhum tipo de afinidade durante longos anos. No cárcere, a Anarquia se defende com a faca feita a mão e a serra.

Quando afirmo que no cárcere a luta é muito mais radical que aquela que desenvolvíamos quando “livres!” é porque na prisão, os justiceiros (os carcereiros), não precisam mascarar nem adoçar suas verdadeiras intenções de te aniquilar ou de te dominar sob o eufemismo de te reabilitar. Assim que a guerra é a morte e permanente.

Isso acontece desse jeito porque uma vez que o sujeito é criminalizado e segregado do “corpo social”, um deixa de ser cidadão (seja o que for que isso signifique) com supostos “direitos” plenos,

para virar um número; ou seja um preso, um desleixo de qualquer hipotético “direito”. Devido a isso não é estranho que muitos companheiros anarquistas encarcerados tomassem os presuntos “direitos” como meio (jamais como fim) para evidenciar a falta deles e conscientizar os outros presos, desde essa básica e elementar premissa, sobre a necessidade de ir para além desses “direitos”. Dito de outra forma: nosso fim é sempre preservar a dignidade e conquistar a liberdade.

Na Península Ibérica, tanto a C.O.P.E.L. (Coordenadora de Presos Espanhóis em Luta)<sup>1</sup> quanto as A.P.R.E.S.<sup>2</sup> foram ensaios

---

1 **Nota da tradução:** A coordenadora de Presos Espanhóis em Luta (COPEL) foi um movimento criado no final de 1976, na prisão de Carabanchel, por um grupo de presos que, diante da recente morte de Franco, e em resposta á Anistia que reclamava apenas pelos presos políticos, decidem organizar uma série de reivindicações, motins e jornadas. Sua principal reivindicação é a Anistia para os atingidos, individuais, pelo franquismo e não só para aqueles vinculados a uma organização, mas também o trato humanitário e melhoras nas prisões, denunciando abusos, isolamentos e torturas. Também agiam em solidariedade com algum preso que estava no olho do rancor autoritário. A COPEL, foi um movimento que começou sendo um grito dos presos por serem ouvidos pela sociedade, assim, procuravam que suas reivindicações chegassem à mídia e à sociedade com suas ações. Os motins, com sequestros, caracterizaram o agir da COPEL, já que somente assim conseguiam que suas reivindicações sejam transmitidas pelo rádio ou na tv. Um dos mais lembrados foi o motim de Carabanchel de 18 de julho de 1977, quando unos poucos presos iniciaram a revolta subindo aos tetos com faixas onde se lia COPEL, e que logo teve o desborde de centenas de presos chamando à anistia desde os pátios e telhados, e muitos deles se cortando as veias para serem levados ao hospital. Um dos piores momentos, foi em março de 1978, quando logo de uma tentativa de fuga descoberta pelos guardas, eles assassinam a pancadas o preso Agustín Rueda Sierra, em 13 de março. A raiz dessa morte demitiram os diretores e os presos organizam um massivo corte de veias em 10 de maio desse ano. (Com dados de: *Historia de la Coordinadora de Presos En Lucha (COPEL) I. Contramadrid.espivblogs.net*, 9 de outubro de 2015).

2 **N.d.T.** Em 1978, se cria a APRE (Associação de Presos em Regime Especial), Participando dela vários presos, entre os quais está Javi Avila Navas, quem escreve o livro «**Un resquicio para levantarse – Historia subjetiva de la APRE (Asociación de Presos en Régimen Especial)**», entre 2006 e 2007, logo de ser baleado nas costas por policiais e ficar em cadeira de rodas. A APRE buscava também denunciar as torturas e abusos diante dos Juizes de Vigilancia Penitenciária e da Direção General de Instituições Penitenciárias às quais faziam chegar uma Chuva de denuncias individuais e coletivas (estaus últimas consideradas ilegais). Mas, como eles mesmos dizem “existem dois tipos de presos: os convencionais, cujo único objetivo é extiguir sua condenação o mais rápido possível em condições de regime “comodas”, e nós APRE, os denominados irrecuperáveis, termo que não deixa de estar certo, já que estamos irrecuperavelmente cientes de nossa condição de seres humanos e nosso objetivo e cumprir nossas condenações recusando as comodidades do regime em defesa da nossa dignidade” (COPEL y APRE. **Documentos de la lucha contra la cárcel**, Francisco Javier Ávila Navas, Herrera de la Mancha, Janeiro, 1991). Assim, os motins e sequestros também forma parte do seu agir como defesa contra o sistema prisional. Entre 1990 e 1991, a APRE, se reconstitui, e passa a se denominar APRE® lutando ativamente contra a constituição segreda de

coletivos que evidenciam esse paradigma. Não foram organizações “revolucionárias” e ainda menos “anarquistas”, consistiram em “nós de resistência” de caráter reformista, com um forte transfundo humanista.

A C.O.P.E.L. se queixava (e com razão) do “agravo comparativo” que era levado a cabo pela Anistia, a qual unicamente soltava aos denominados Presos Políticos, deixando o resto dos párias nas galerias. Muitos desses presos “não políticos”, estavam certamente encarcerados por leis de claro signo político, impostas pelo regime. Por exemplo, a chamada “Lei de vadios e malfeitores”, englobava como “delinquentes” os homossexuais e as prostitutas, incluindo moradores de rua e pessoas “sem ofício conhecido”, ou seja que punia os pobres da época...

Os “pobres” e os “imorais” dessa época, tinham que continuar purgando o “delito” da sua própria condição social e natureza identitária. Era justo? Procedia? Não importa: era legal e, como tal, aceitado pelas boas consciências cidadãs.

Aos governos desses anos, já fosse com Franco ou com os pós franquistas, somente lhes interessava a inclusão dos dissidentes políticos no circo parlamentar, para fazê-los partícipes do regime e tirar a pressão da panela social. Isso foi o que se conheceu como “Pacto de Moncloa” (ou o esgoto palaciano) que abriu as portas à chamada “Transição” (que nós chamávamos de transação).

A C.N.T. esperou um par de anos mais do que os parlamentaristas para entrar no pactuado e imediatamente se voltar, com todos seus militantes, para a recuperação do “patrimônio histórico” da organização anarco sindicalista. Estando assim as coisas da política, foram se desenvolvendo núcleos resilientes de resistência armada

---

*grupos de presos que em acordos com os policiais queriam exterminar os presos APRE e COPEL, ou a todo preso que mantivera sua dignidade e não tenha perdido a humanidade virando servo dos carcereiros. (Com informação de: COPEL y APRE. Documentos de la lucha contra la cárcel, Francisco Javier Ávila Navas, Herrera de la Mancha, Janeiro, 1991).*

ao largo do espectro das ideologias: da ultra direita à ultra esquerda, com seus mais variados matizes.

Os presos “comuns” (lembramos que os presos anarquistas e autônomos também eram classificados sob tal etiqueta), frente a tal panorama, decidiram dar-lhe fogo às cárceres: motins, fugas, autolesões, greves de fome e “sequestros” de carcereiros. As insurreições se estenderam como a pólvora negra dos cárceres aos bairros. Foi assim que se generalizou a guerra social em todas suas “frentes”.

É obvio que nesse rio revolto de proletas chateados, havia muitos pescadores tirando a isca e bastantes acabaram engrossando as organizações armadas do tipo G.R.A.P.O. (Grupos de Resistência Antifascista Primeiro de Outubro) ou outras de duração efêmera. O transcendente era que, finalmente!, a prática armada tinha se “socializado” e muito entendemos (me incluiu) que não precisávamos de “expertos” para dá-lhe chumbo a tanto fascista travestido de democrata, ou tanto policial retirado, quanto “seguranças”.

Esse foi o contexto onde eu cresci, neto de !vermelhos! que perderam a guerra, pobre e camponês; sem nenhum tipo de formação educativa, forjado na prática das lutas políticas e sociais, com enorme simpatia pelos ilegalistas (fossem políticos ou “marginais”), que desenvolviam suas atividades na luz do dia e a vista de todos com orgulho e dignidade.

E bom, esta pequena introdução, a considerava necessária para expor como e porque um se faz anarquista desde a experiência prática. Explicar o contexto dado de cada individuo anárquico, ajuda a entender o próprio discurso (errado ou não) que cada um emite e defende. Já temos dito que a/o anarquista não nasce, ela, ele se faz, e vai se forjando com os “materiais”, teóricos e práticos, que encontra no seu entorno.

Desfiar os panos vermelhos pretos e extrair o fio negro não é façanha fácil. O sopão dos “ismos” tem gerado toda uma série de equívocos sobre nossa história e tem silenciado a memória, impondo a lente distorcida das ideologias. História e memória que alguns pretendemos reconstruir para acabar com tantos mal-entendidos, desvirtuações e aberrações.

Esclarecido isso tudo, e sem a menor pretensão teórica, tentarei me reincorporar (desde minha experiência prática) ao debate em torno à ação anônima versus a ação reivindicada, ou para dizê-lo em palavras de outros companheiros, a polêmica entre o que vem se denominando “novo insurrecionalismo” e o “insurrecionalismo clássico”. O qual, desde minha visão (prática), na real se ajusta à necessária renovação teórico prática do insurrecionalismo anárquico e do informalismo ilegalista. Ciente de que precisamos realizar uma autópsia, de vez, à todos os cadáveres políticos que tentam instaurar a confusão sobre o que nós somos e que tentam nos impor o que nós não somos.

### **CONSIDERACIONES (MARGINALES)**

O 28 de junho de 2004, foi uma data fatídica para mim e para outros afins os quais, como eu, considerávamos que estávamos “escrevendo gloriosas páginas” para a historiografia do anarquismo ibérico contemporâneo. Não fazia muito, alguns companheiros haviam sido detidos em Barcelona (setembro de 2003), supostamente por formarem parte de um grupo de práxis anárquica, e que foram acusados e condenados por posse de armas e ataques explosivos e incendiários. Alguns desses detidos eram amigos (aliás de companheiros) que me visitavam na prisão, me mantendo ao tanto de como estavam se desenvolvendo as lutas que vínhamos impulsionando “de dentro e de fora”, contra o regime F.I.E.S.

(Fichero de Internos de Especial Seguimiento)<sup>3</sup> e contra a sociedade carcerária, em geral, que o fazia possível.

Considero que as lutas contra o regime F.I.E.S. foram determinantes e todo um laboratório do qual resultaram infinidade de ensaios (tanto teóricos quanto práticos) que prolongaram a guerra por vários anos, de um e de outro lado do muro, e ainda traspassando fronteiras. Para os curiosos, basta com dar uma olhada na quantidade de publicações impressas (a internet ainda não se consolidava como o meio de comunicação predominante) que circulavam, fanzines, livretos, jornais, livros e traduções que chegavam de todas partes.

Desde as cárceres da demomérda hispânica, se publicaram livros como “Adiós Prisión” de Juan José Garfia, “Huye, Hombre, Huye” de Xosé Tarrío, “A Ambos Lados del Muro” de Patxi Zamoro, entre outros. Os companheiros, de Barcelona, haviam feito um esforço editorial com a revista “Panóptico” que descrevia a sociedade do encerro em todas suas formas e variações (de menores, de mulheres, de idosos, de estrangeiros, etc.). Esta excelente revista (logo se reeditou uma recopilação de todos os números em forma de livro), postulava questões nevrálgicas como a própria finalidade do encerro,

---

3 O Regime de Ficheros Internos de Especial Seguimiento, F.I.E.S. foi um conjunto de medidas implementadas pela Administração Penitenciária Espanhola, que consistiam num maior controle e vigilância, segundo o tipo de delito cometido pelo recluso, sua trajetória ou sua vinculação com organizações criminosas, regime que tinha como objetivo exercer um maior controle sobre as complexas “formulas delituosas existentes, com potencialidade para desestabilizar a ordem da prisão”. Sua origem se encontra nos planos de intervenção que se desenharam em 1989 para os internos pertencentes a “bandas terroristas”. Na sua implementação definitiva, mediante portaria do 6 de março de 1991, da Direção General de Instituições Penitenciárias, esse controle se estendeu a outros presos, se aplicando com regularidade a partir de 1996. Em vários documentos, da Audiência Provincial de Madrid, foi discutido o regime F.I.E.S. e sua legalidade. A partir da comunicação 271/2001, de 9 de fevereiro de 2001, se considerou que estes Ficheros eram ilícitos. Desde sua regulamentação no instrutivo 21/1996, o F.I.E.S. tem experimentado as seguintes modificações: a eliminação de uma parte do sub artigo B.1.A.13., o qual limitava as visitas conjugais a três horas, sendo depois de seis horas; a mudança da categoria de F.I.E.S. 2, “Narcotraficantes”, para F.I.E.S.2 “Delinquencia organizada”; a eliminação de alguns tipos de delitos incluídos na categoria regime F.I.E.S.5 e a inclusão de outros novos. No mês de maio de 2009, uma sentença do Tribunal Supremo de Justiça, declarou ilegal o regime F.I.E.S., por vulnerar os direitos dos presos, porque seus regulamentos excediam suas competências, e porque sua aplicação exigia um caráter que não possui. Para maior informações visitar: [https://es.wikipedia.org/wiki/R%C3%A9gimen\\_F.\\_I.\\_E.\\_S](https://es.wikipedia.org/wiki/R%C3%A9gimen_F._I._E._S). (consultado 19/3/19).

pontuando os seus principais objetivos: segregação, profilaxia social, reeducação, redenção, re-socialização, ressarcimento ou simples economia da vingança. As problemáticas nas quais estavam as mulheres presas ou os menores, as toxicomanias, as supostas terapias como a metadona e as abundantes quantidades de psicoativos farmacêuticos que começaram a inundar cada cela, departamento e prisão; as penosas dificuldades que padeciam as transexuais encerradas em prisões masculinas, o encerro de pessoas imigrantes consideradas “ilegais”, o modo cruel de se desfazer dos velhos para evitar gastos médicos e os encerrar em lares...

Também chegavam livros interessantes do outro lado do mediterrâneo, com conceitos verdadeiramente sediciosos. Alguns os devoramos e discutimos acaloradamente. O “insurrecionalismo” tinha chegado na Península Ibérica numa década cheia de possibilidades, mas suas teses eram assimiladas com receio, sempre sob suspeita de ser mais um “modismo” entre as linhas do “movimento” ibérico. É sabido que por estas terras e por essa data, apenas se entendia como “Movimento Libertário”, às três organizações de base que o conformavam “oficialmente”, ou seja, a C.N.T., a F.A.I. e as “Julis” (Juventudes libertárias), já a Cruz Negra Anarquista, era um produto exótico de importação.

As leituras e interpretações dessas teses e de tudo quanto estava acontecendo nos outros países vizinhos (particularmente na Itália e na Grécia), motivou que muitos companheiros se animassem a “operar” por sua conta, já fosse no interior do cadáver anarco-sindicalista ou desde os primeiros “grupos de afinidade” não tutelados pelas clássicas orgânicas políticas ou sindicais. De fato, cabe lembrar, ou se expor para quem ainda não sabe, que os sete companheiros detidos em Barcelona, em setembro de 2003, pertenciam às “Julis”. Provavelmente também não se saiba que as Juventudes Libertárias foram (dentro do Movimento Libertário Ibérico), as primeiras em “paquerar” seriamente com as propostas insurrecionais de manufatura italiana (ainda participando da primeira e última

*Internacional Insurrecionalista Antiautoritária* celebrada na Itália). Toda essa experiência ficaria registrada num livro intitulado “*Afilando Nuestras Vidas*”.

Os anarquistas “clássicos”, por aqueles anos, chamavam pejorativamente esses companheiros de “Bonanianos”. Vale a pena fazer aqui um parêntesis para destacar a purga (no melhor estilo stalinista) que fizeram os ceneteros quando os “julís” se insubordinaram contra eles. Os sete de Barcelona foram “expulsos” e injuriados publica e privadamente. Desde logo, aquele “insurrecionalismo ibérico” pouco ou nada tinha a ver com as teses do tal Bonnano. O anarquismo social (de tipo político militar) sempre foi algo típico destas terras e, na real, o que punham em prática por aquelas datas era uma imitação das práticas anarco-comunistas anteriores e contemporâneas à Guerra Civil. Foi aí que se juntaram uma série de condições (políticas, sociais e econômicas) que possibilitaram que o anarquismo se concretizasse como uma “alternativa política real”, como um “sistema social realmente existente”. Basta com lembrar nossos ministros “anarquistas”, a militarização das milícias e um sem fim de planejamentos alucinantes que saíram de nossos locais, como a “ditadura anarquista” ou, um pouco antes disso, o Partido Anarquista de Pestaña entre outras pérolas cultivadas na época. **Felizmente, muitos companheiros tínhamos como referências, de colheita própria, em anarquistas como Sabaté, Feceráis, Massana, Cara Crema, que destacaram por mérito próprio e optaram pela guerra anárquica em vez de se refugiar no exílio para politiquear até a náusea.**

Todas essas experiências e muitas mais, foram amadurecendo ao longo da década de 90, até inícios do novo milênio, durante as lutas contra o F.I.E.S., acariciando a hipóteses de um “novo sujeito revolucionário”. Com muito acerto (ainda quando muitos não gostaram) os compas das “Julis” escreveram contra o “presismo”, em clara referência ao obsoleto ismo operário, obrerismo, e contra os reformistas.

No interior desse grande movimento (e esse sim que se movimentava) anti carcerário, conviviam nas manifestações, nos eventos, espaços e coordenações, todo o espectro da esquerda e os pro direitos humanos, que havia e que ia haver. Substancialmente, poderíamos dizer que, todos esses grupos e individualidades, se diferenciavam entre si por quem “pretendia cárceres mais humanas” (cumprindo os direitos humanos e etc.) e aqueles que, conseqüentemente, se declaravam abolicionistas e anti sistema.

A Associação de Presos em Regime Especial Reconstituída (APRE®), já era história, seus escassos militantes estavam sendo exterminados legalmente nos departamentos F.I.E.S.. Pela carência de possibilidades de fuga e motins (graças às novas cárceres automatizadas importadas do modelo alemão) os presos se re organizaram sob o rótulo de “Presos em Luta”. Cabe destacar que A.P.R.E. e A.P.R.E®, nunca contaram com apoio político nem social, não foram associações nascidas para exercer a política, mas para a ação destrutiva ou a organização de evasões sem contemplações nem compaixão pelos carcereiros e colaboradores deles. Seus militantes saíam dos bairros mais castigados pela miséria e a marginalização, eles não tinham nenhum tipo de fé na sociedade nem na política. De fato, as únicas reivindicações que se faziam aconteciam quando a ação falhava (os seja a fuga). “Presos em Luta”, por sua vez, se nucleava ao redor de umas reivindicações (as mesmas que propunha a A.P.R.E. quando a ação fracassava) que logo ficaram reduzidas em três constantes.

Lamentavelmente, muitos companheiros desconhecem a curta história da A.P.R.E.. A associação, começou suas andanças em 1991 e para 1998 já estava ferida à morte. Os presos F.I.E.S. e da A.P.R.E., sobreviveram uma lenta agonia até que em 1996 saiu o livro de Xosé Tarrío; logo o encarceramento dos quatro de Córdoba, junto da liberação de Patxi Zamoro, fizeram com que, aos poucos, se conhecessem todos estes fatos de forma pública. O movimento social, civil e político se aproximaram dos presos quando eles já

estavam desarmados e sem dentes. O “movimento anarquista” também demorou muito em se aproximar.

## ***SOBRE REIVINDICAÇÕES, AFINIDADES E DEBATES.***

A questão das “reivindicações” no âmbito antiautoritário, sempre dependeu das finalidades da ação e dos indivíduos que a protagonizavam. De fato, alguém ainda lembrará do Grupo 1º de Maio (de Octavio Alberola e companhia) que sequestraram um banqueiro espanhol em Paris, com o objetivo de chamar a atenção internacional em torno da ditadura de Franco e dos anarquistas condenados a pena de morte pelo regime. Neste caso, evidentemente, a reivindicação era imprescindível para cumprir os objetivos. De ter ficado no anonimato, pouco ou nada teria ajudado a fazer pública a situação dos anarquistas presos, e a chamar a atenção internacional sobre a ditadura.

Nas lutas anti carcerárias dos anos 90 (concretamente de fins dessa década), as discussões ideológicas sobre a reivindicação ou não reivindicação das ações, foram encarniçadas, sendo esse o tema que mais debate gerava entre os afins. Em general, predominava a tendência da não reivindicação porque “as ações se interpretavam dentro do marco da luta específica” (pelo menos era isso o que se argumentava nesse então). De fato, nunca se reivindicaram as ações uma por uma, elas eram publicadas nos fanzines, numa espécie de cronologia das ações anônimas realizadas em apoio aos presos em luta. Obviamente alguns presos sim que faziam sua cada ação ou sabotagem. Foram centenas de sabotagens “anônimas” as que foram feitas nesses anos. No entanto, pessoalmente, sempre simpatizei com aquelas ações reivindicadas através de comunicados que tanto enfurecem aos promotores do anonimato. Quiçá porque cada uma dessas ações reivindicadas não se dirigia contra uma entidade abstrata e indefinida, ela se destinava a nós mesmos como anarquistas de ação. Isto era o belo: essas ações não falavam para um Sujeito Histórico.

Esses comunicados não estavam destinado à algo amorfo e genérico. Essas ações se comunicavam com os indivíduos especificamente anarquistas. Se estabelecia, assim, um fraterno diálogo entre irmão, não uma asséptica cronologia de ações quantitativas anônimas.

***Gabriel Pombo Da Silva,  
De algum lugar da galáxia ...  
7 de maio de 2019***

## CONTEÚDO:

### ***De Gritos, Estrondos e Sussurros.***

*Nota introdutória* ..... 6

### ***O Autismo dos Insurretos***

*Alfredo Cospito* ..... 28

### ***Breve informativo do estado do tempo.***

*Para Alfredo Cospito co-conspirador e companheiro*

*Gustavo Rodriguez* ..... 42

### ***Colaborações Marginais Para um Debate em Curso.***

*Aos companheiros Alfredo Cospito e Gustavo Rodriguez*

*Gabriel Pombo da Silva* ..... 56

**INTERNACIONAL NEGRA EDIÇÕES**

*internacionalnegra-br@riseup.net*

**22 Maio 2020**

**INTERNACIONAL NEGRA**